LITERATURA E RESISTÊNCIA
a ocupação do espaço urbano
por livrarias e bibliotecas,
por Ana Rüsche

BIBLIOTECA DE BABEL
a prateleira fundamental
de Fernando Haddad

+ inéditos de:
Paulo Ferraz
Jeanne Callegari
Marie Declercq

llLavoura

_NÓS

A revista **Lavoura** é uma publicação concebida em janeiro de 2017 com o objetivo de fomentar e divulgar a cena artística contemporânea em todas as suas expressões.

EDITORES
André Balbo, Anna Brandão, Arthur Lungov e Lucas Verzola

CAPA, PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E ARTES
Anna Brandão

CONTATO
revistalavoura@gmail.com

SITE
www.revistalavoura.com.br (em breve)

LA V OURA

Tarso de Melo

alguém
que fala pouco
um dia me disse
que a palavra
mais precisa
ou a que você
mais precisa dizer
só fica pronta
depois de muito
muito muito
silêncio

(Íntimo desabrigo, 2017)

_SUMÁRIO

6 EDITO-
RIAL

8 PAPÉIS
AVULSOS

16 MÁQUINA
DO MUNDO

26 LITERATURA
E RESISTÊNCIA

34 TERRA
EM TRANSE

36 BABA
ANTROPO-
FÁGICA

44 HERÓIS SEM NENHUM CARÁTER

46 BIBLIOTECA DE BABEL

50 RÚTILO NADA

_EDITORI A L

Em todas as raras aparições públicas nos últimos trinta e tantos anos, não houve oportunidade em que Raduan Nassar não tenha sido questionado a respeito de seu silêncio voluntário. A opção, ao mesmo tempo em que guarda a possibilidade de fascinar, mostra-se, na mesma medida, incompreensível: como ousa o possuidor de voz tão potente deixar de se manifestar?

Não poucas vezes, seu recolhimento recebeu mais atenção do que a sua própria obra, escassa de páginas, mas detentora de vicejo incomparável.

Nesses confrontos, a resposta que regularmente emprega, modulando o tom entre a ironia e o enfastio, relaciona frustração pessoal com a própria produção e a desmistificação do ofício literário; para Raduan, escrever não difere, em essência, do plantar-e- colher, atividade à qual se dedicou após aposentar a pena. Assim, com a mesma naturalidade que iniciamos e abandonamos quaisquer afazeres cotidianos, nosso maior autor vivo preferiu ser nosso agricultor favorito.

O silêncio e a lhaneza com que Raduan encara seu próprio percurso contrastam com o estardalhaço em que nos habituamos a viver na contemporaneidade, e talvez seja esta a razão de ainda hoje seu recato provocar em nós tamanho fascínio.

Como bem registra Tarso de Melo no poema que epigrafa esta edição (cf. página X), a palavra mais precisa [ou a que você precisa dizer] só se encontra depois de muito silêncio, contudo a fisionomia de nossa época, sob o embuço do dinamismo e da modernidade, exige manifestações tão rápidas quanto voláteis. Afundamos-nos, ainda que paradoxalmente, num estado de letargia, já que, em meio a tanto ruído, sobra pouco espaço para a reflexão e o maneio cuidadoso da linguagem – e, aí, entendemos a opção de Raduan pelo trato com a terra, cujo cultivo invariavelmente requer tranquilidade.

Tal diabrura, própria do nosso tempo, é, antes de mais nada, fruto do desenvolvimento tecnológico, cujos sintomas revelam um objetivo perverso: a ilusória satisfação opiniativa-consumeirista, em que as interações interpessoais podem ser reduzidas a likes ou estrelas. Mas essa não é a única tentativa de pasteurizar – e, como consequência, calar – a manifestação humana, mesmo porque a tecnologia pressupõe uma sofisticação que nem sempre ou quase nunca compreendemos, e cujos impactos muito demoramos para constatar, tamanho nosso afã pelo progresso – o que quer que signifique essa palavra tão imprecisa.

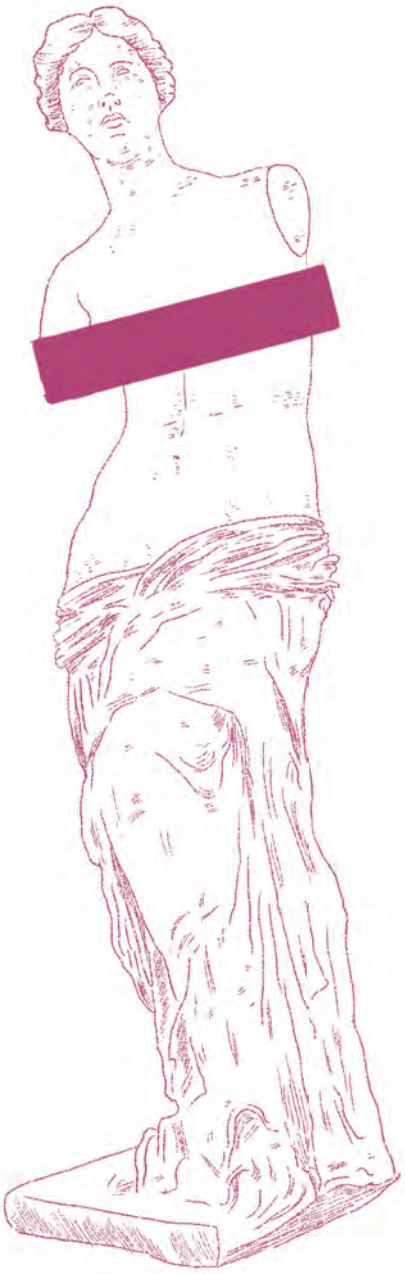
Muito menos sutis que os gigantes da tecnologia, suas startups bacanudas e penteados da moda, são os donos do poder estatal e os grupos sociais a eles íntima e obscenamente vinculados. Agem como os censores clássicos, engendrando artimanhas jurídico-legislativas – simulacros da retórica mais chã – e excitando pressão e comoção sociais, ecoadas pelo aparato midiático, a fim de impor silenciamento àquilo que confronta e desenfeita seus interesses e

valores morais.

Nos últimos meses, episódios de censura voltaram à pauta. Enfatizamos a tentativa de retirada de circulação do livro "Diário da Cadeia", escrito por Ricardo Lísias sob o pseudônimo de Eduardo Cunha; a proibição da execução da peça "O Evangelho Segundo Jesus, Rainha do Céu", pelo judiciário paulista; e as manifestações violentas contra a mostra "Queermuseu", no Santander Cultural de Porto Alegre, e a performance "La Bête", realizada no Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Ocorrências dessa natureza assaltam não apenas os artistas e amantes das artes de modo geral, mas toda a sociedade e um dos maiores pa trimônios da humanidade. No entanto, além da inevitável lamentação, servem os últimos episódios para fortalecer uma convicção: o silênio voluntário tem em seu predicado a sua razão; o silêncio imposto, a sua invalidez.

E, neste caso, alguém que fala pouco já disse: não há como ficar calado.



PROSA BREVE

PAPÉIS AVUL-SOS

Bruno Molinero
Danilo Brandão
Laura Torres
Maiara Líbano

O CEGO E A BAILARINA

Bruno Molinero

obrigado, menina. às vezes é bem difícil atravessar essa avenida, mesmo morando ali na frente, na casa com o portão verde, tá vendo? você vive aqui no bairro também? sei onde fica, claro.nasci lá. fiquei até mais ou menos a sua idade. quantos anos você tem? igualzinho. minha casa ficava na joão rosa, sabe? meu vô tinha um bar na garagem, em frente à escola. eu saía da aula e ia sempre correndo pra lá. os meninos mais velhos ficavam falando alto, bebendo cachaça. passei anos achando que era água, sem entender a sede deles. achava besta. por isso bebia café. minha mãe não deixava de jeito nenhum eu tomar em casa, nem um pingado. dizia que eu era pequeno, que não ia dormir à noite, que ia encher o colchão de xixi. bobagem. meu vô colocava um golinho no copo americano, e eu virava tudo ainda pelando. nunca tomou? é muito bom pra ficar acordado, estudar melhor. dançar balé também, eu acho. por que? ah, está indo pra aula agora? sei onde é. aqui perto, nem cinco minutos. depois do café, meu vô sempre me dava umabala de hortelã. pra tirar o bafo, enganar minha mãe. até que uma vez engasguei. ele veio correndo por trás de mim e me apertou de um jeito tão forte que nunca esqueci aquele corpo de velho prensando as minhas costas pra não sufocar. uma, duas, três vezes. a mão embaixo do meu umbigo. não. claro que não foi por isso que fiquei cego. foi outra doença, muitos anos depois. quando era criança, enxergava muito bem. era o goleiro menos vazado do bairro, pode perguntar pra qualquer um que mora aqui faz tempo. pro carlos da padaria, que era o capitão. depois dos treinos, íamos tomar banho juntos e saíamos correndo para espiar meninas iguais a você na escola da rua de baixo. foi já adolescente que tudo apagou. não vi mais nada. flutuei nas memórias. pronto. minha casa é essa sim. poderia me fazer um último favor? consegue abrir o portão e depois a porta da sala? sempre confundo as chaves. a de fora é a mais branquinha. muito obrigado, menina. desculpe, não perguntei o seu nome. bonito. muito prazer, eu sou o otavio. espero que não esteja atrasada pra aula de balé. bom, então que tal entrar pra um cafezinho? vai dar energia pra dança, confia em mim. ainda mais porque vai ser a sua primeira vez. depois posso ver se ainda tenho alguma bala de hortelã no armário ou no pote em cima da geladeira. pra chupar. sua mãe não vai ficar sabendo. se engasgar, viro você de costas. não se preocupe. puxo com força. um, dois, três. a mão embaixo da barriguinha.

TRINTA ANOS

Danilo Brandão

I

Não tinha um fio de cabelo. Careca. Nu. Por isso, deixava a janela aberta nos fins da tarde. Os ventos invadiam o seu entre orelhas com força. Era do vento e do frio que gostava.

Coloria. Oito horas. Aquilo era o seu mundo e podia dar cor pra tudo. Odiava parar. Só saía para o café. As quatro. Seus amigos corriam para o computador. Jorravam o verde no sol. O preto virava albino.Riam. Quando ele voltava, não percebia. Nunca. Seguia o padrão dos exemplos.

II

Era infeliz.

Sua mãe acabara ao parir. Foi no parto. Os médicos não seguravam o sangramento. Seus amigos riam da história. Apontaram-lhe a cabeça e disseram que ela não havia suportado foi aquilo. O golpe em seu ventre foi duro demais. Uma puta cabeça de alfinete.

III

Tufo a tufo. Rarearam no topo. Duas semanas, laterais. Perdeu: mãe, cabelo, casa. Progressivo. Em ordem pra não assustar.

IV

Mês.

Encontrou um amigo. Desses que se encontra e pronto. Nem se vê. Foi morar com ele. Um cara de trinta anos. Exatos. Gastava seu tempo entre o trabalho, yoga e cocaína. O cara ficava na fissura a cada quinze dias. Chegava em casa. Ia para o sofá, só de cueca, e olhava pro nada. Meia hora lá. Começava a berrar. Havia achado suas unhas no sofá de novo. De novo. Com os olhos saltados na sua nudez, lhe perguntava porquê não tinha cabelo. Nenhum. Não respondia e deixava a nóia se acalmar.

V

Fim da tarde. A brisa no trabalho. Ia colorir e deixava toda a merda pra lá. Era meio automático seu caminho. Desviava das rachaduras e das bostas de cachorro. Pelas manhãs as brisas eram piores. Gélidas e fracas.

Ia.

VI

Não havia estudado até o final. Quinto ano. Fundamental. Os meninos o jogaram na lata de lixo. Estava recheada de cacos. Fim. Os vidros penetraram a derme. Bem no fundo. Dor.
Era a dor mais profunda que já havia sentido.
A menina de pernas roliças escarrou bem na sua orelha. Misto de saliva e catarro. Dentro de si. Escorregava pelo pescoço. Fio taludo. Verde-água. Sentiu uma mão ossuda, gigantesca, nas têmporas. Era do menino mais magro. Dono do batalhão. Seu dente voou. Apenas leite, ficou lindo, brilhava no asfalto. O sangue já lhe tomara o rosto e não via mais nada. Confuso. Por último, um jato quente passeou por seus olhos. Nariz. Boca. Era ácido e vinha rápido. Deu tempo de imaginar que era da menina.

VII

Apagou.

Sentava na cadeira e pintava mais um pouco. Sempre começava pela banda direita.

VIII

Não se lembrava muito bem como caíra ali. Cadeira e mouse. Ombros projetados para o monitor
e pálpebras pesadas. Lembrara-se, somente, que as veias cerebrais entupiram. Ela caiu. Era sua vó.

Órfão de novo.

IX

No outro dia, foi até o banco. Sacou a grana. Foi até a banca. Folha classificados. (11) 96200 – 6169.

Foi.

X

Na entrevista, lhe perguntaram quantas punhetas batia por dia e se gostava de colorir. Pacote Adobe completo em quase todos os programas e duas. Deve ter sido o único a ir.

Entrou. Não se sabe o porquê.

XI

Eram rolas de 20 centímetros. Uma entrelaçada na outra. Bucetas de todas as cores. Ele as escolhia. Começava pela banda. Direita. Homem ou mulher. Quando estava repleta de porra, gostava mais. Bem no seio da face da índia. Era sua preferida. Linda, de um branco encardido, quase amarelo, escorrendo pelo lábio dela.

XII

Nos primeiros meses que ela aparecia, nunca terminava. Jorrava no terceiro boxe do banheiro do trabalho. Em casa, a cueca na bacia de roupa suja, seu amigo louco não aguentava. Mandava ir se fuder. Não tinha tampa, a bacia. A sala cheirava a porra seca. Aquilo o lembrava da índia e de seu rosto. Todo sujo. Gozava de novo.

XIII

Três por dia.

Foram meses. Do nada, ela sumiu. O filha da puta de óculos a tirou. Deu-lhe uma rola branquela e passagens pra Europa. Segurou o choro até o fim. O sol saiu amarelo naquele dia e as demais cores pareciam no lugar. A porta fechou. Era o seu quarto. Desabou. Cobriu-lhe por três dias e não foi trabalhar. Sabia que a porra do branquelo já estava na cara da índia. Pronta pra ele colorir. Era diferente dos outros. Ele havia ganhado.

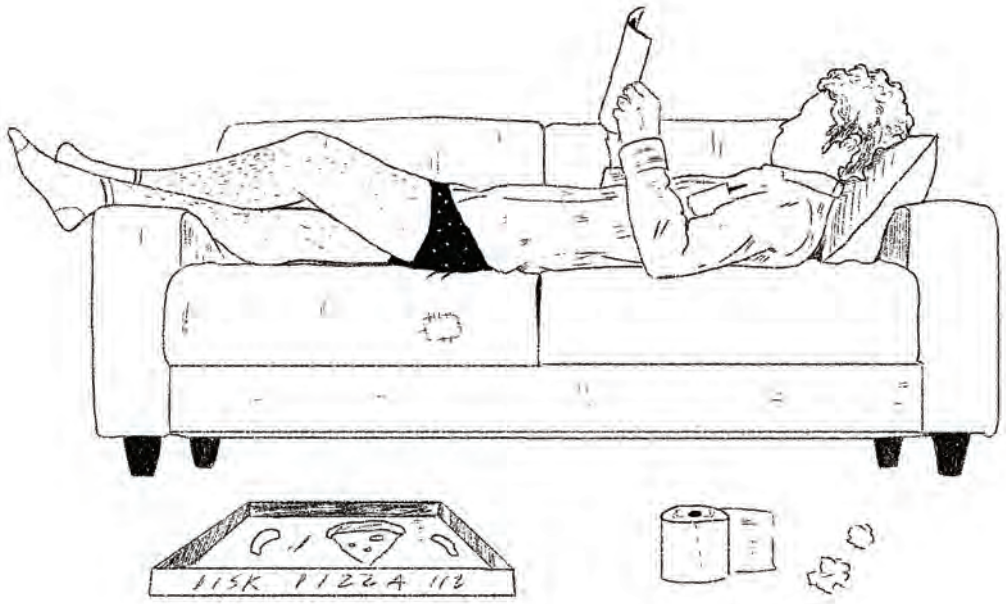
XIV

Desistiu.

Foi demitido. O cara de óculos lhe deu uma foto na saída. Envelope pardo. A foto da índia. A de verdade. A sua índia. Guardou no bolso. O rosto estava limpo.

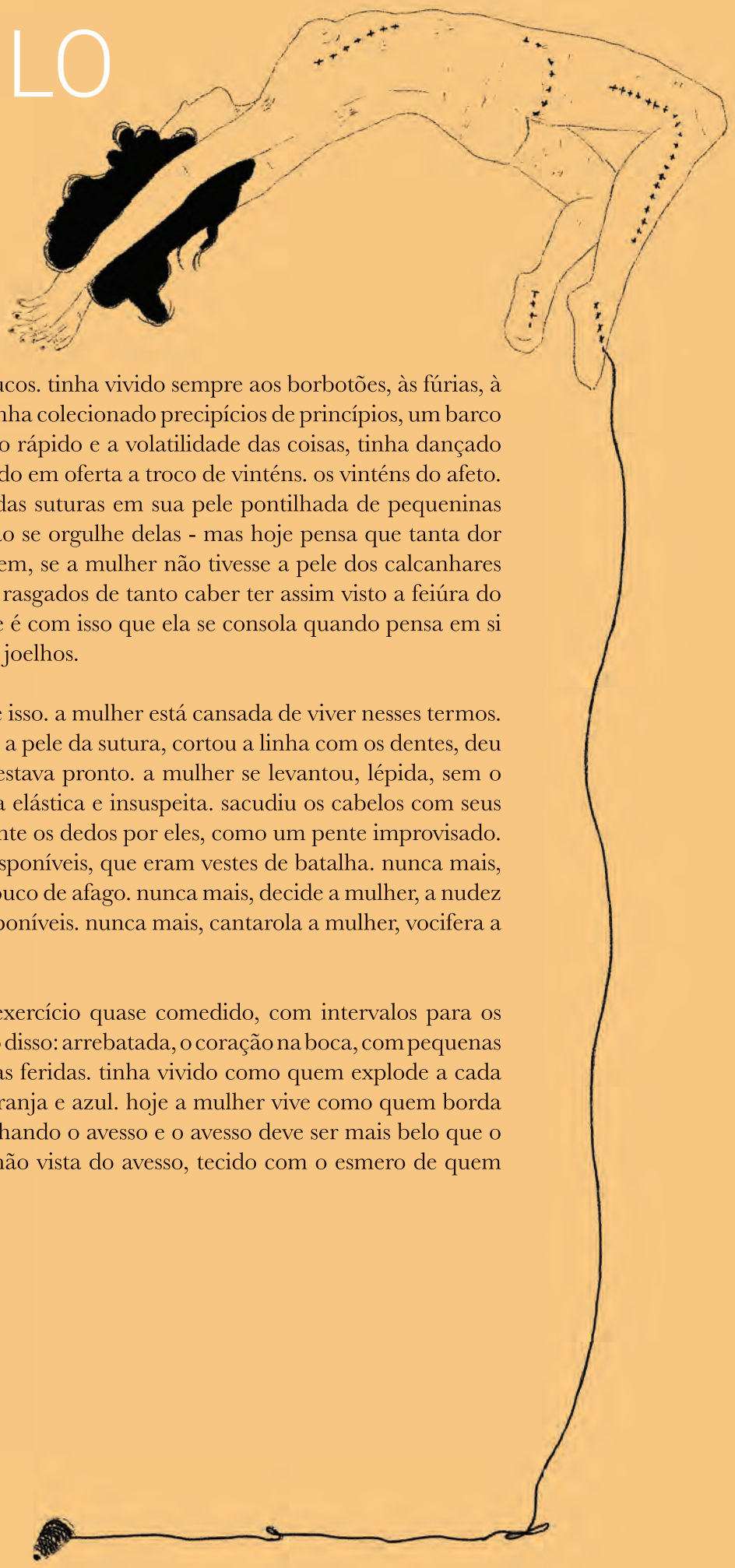
XV

Fazia trinta ali. Hoje. Deu três suspiradas. Uma pra cada década. Jogou a foto da índia no sofá. Lembrou-se da mãe, da vó, dos cacos, do cuspe da menina, do trabalho perdido. Fazia trinta. A índia o olhava no sofá, ouviu um estrondo, seu amigo estava na fissura de novo. Pediu uma pizza pra comemorar.



Laura Torres

SEM TÍTULO



a mulher não sabia que viver era aos poucos. tinha vivido sempre aos borbotões, às fúrias, à cegueira do turbilhão. jovem, a mulher tinha colecionado precipícios de princípios, um barco velocíssimo à deriva de si. tinha amado o rápido e a volatilidade das coisas, tinha dançado descalça sobre cacos de vidro e se colocado em oferta a troco de vinténs. os vinténs do afeto. a mulher, jovem, sofrera muitas e variadas suturas em sua pele pontilhada de pequeninas manchas marrons. não que a mulher não se orgulhe delas - mas hoje pensa que tanta dor remendada talvez fosse desnecessário. bem, se a mulher não tivesse a pele dos calcanhares feito couro curtido e os olhos um pouco rasgados de tanto caber ter assim visto a feiúra do mundo, a mulher não seria ela mesma. e é com isso que ela se consola quando pensa em si mesma há 15, há 10 anos, de andrajos e joelhos.

mas a mulher está farta de escrever sobre isso. a mulher está cansada de viver nesses termos. então um dia a mulher coseu novamente a pele da sutura, cortou a linha com os dentes, deu um nó rente à marca antiga da ferida. estava pronto. a mulher se levantou, lépida, sem o auxílio das mãos, com uma desenvoltura elástica e insuspeita. sacudiu os cabelos com seus cachos mal penteados, passou rapidamente os dedos por eles, como um pente improvisado. nua, a mulher tomou para si as vestes disponíveis, que eram vestes de batalha. nunca mais, pensa a mulher, a nudez a troco de um pouco de afago. nunca mais, decide a mulher, a nudez na via pública do mercado de carnes disponíveis. nunca mais, cantarola a mulher, vocifera a mulher, declara.

a mulher não sabia que viver era um exercício quase comedido, com intervalos para os arrebatamentos. tinha vivido ao contrário disso: arrebatada, o coração na boca, com pequenas pausas para retomar o fôlego e lamber as feridas. tinha vivido como quem explode a cada passo trôpego, como algo queimando laranja e azul. hoje a mulher vive como quem borda ponto-cruz: com atenção. meticulosa. olhando o avesso e o avesso deve ser mais belo que o certo. esse é norte: a beleza indizível e não vista do avesso, tecido com o esmero de quem sabe o tremor das mãos.

O FANTASMA DE DEODATO

Maiara Líbano

— Fica quieto aí que isso é um assalto! Mão na cabeça! Mão na cabeça, porra!
— Opa opa. Tudo bem. Pode ficar tranquilo. Eu imagino que você deve estar mais nervoso do que eu.
— Cala a boca! Mandei tu falar alguma coisa?
— Calma...calma. Não precisamos nos tratar dessa forma. O que quero dizer é que eu sei o que você está passando. Você certamente é um excluído do mercado de trabalho e vivencia na pele as mazelas da desigualdade. Não sou seu inimigo. Pra mim, roubo é distribuição de renda.

Em qualquer outra ocasião o bandido gostaria daquilo que ouviu, mas, naquele momento, se sentiu profundamente desrespeitado.

— Aqui eu sou o bandido e você é a vítima, ok?

Após amarrar os punhos e os pés de Deodato, o bandido começou a circular pela casa jogando tudo pelo chão, procurando coisas de valor. A primeira coisa que apanhou foi o laptop.

— Provavelmente você não sabe, mas esse é um Macbook última geração. Tem um alto valor de revenda. Não se deixe enganar, pessoas mal-intencionadas podem querer pagar um valor mais baixo.

O bandido olhou pra Deodato com desprezo. Fez menção de falar algo, mas um espirro irrompeu sua fala.

— Com todo o respeito, mas você não quer tirar essa meia do rosto? É tão desconfortável.

Depois dessa, o bandido passou uma fita na boca de Deodato e o deixou ali sentado, amarrado, amordaçado. Tinha experiência com vítimas agressivas, histéricas, resistentes, paralisadas. Mas chatas, não. Tendo recolhido tudo o que prestava naquela casa, o bandido se virou pra onde estava Deodato, e por um minuto até pensou em soltá-lo. Mas, ao olhar pra sua cara flagelada, viu que, por trás da fita, ele sorria. Não era ironia, sarcasmo, nem loucura. Era como se estivesse rindo dele, do bandido. Um sorriso dócil, de quem buscava se comunicar, de quem duvidava da sua capacidade de ser mau. Sem titubear, o bandido tirou a arma da cintura e PAH acertou o peito WWde Deodato. Correu, apanhou os pertences e fugiu pelos fundos do condomínio.

Mais tarde, deitado ao lado de sua mulher, o bandido pensava no bizarro roubo daquela noite. Era experiente no ramo, execução não tirava seu sono. Mas, desta vez, se sentia perturbado, fritava de um lado pro outro, sem conseguir dormir. Até que abriu os olhos pra checar as horas e viu, ali ao seu lado, o fantasma de Deodato.

— Não se deixe levar pela culpa. O que houve foi um impulso natural do seu corpo que reagiu em estado de torpor e adrenalina ao que somos acometidos diariamente.
— Não, não é possível. Eu estou delirando. O que você está fazendo aqui?
— Certamente vivemos um momento de crise social e política de natureza ética e moral, sobretudo dentro do paradigma da desigualdade ante a utopia pela igualdade social.

No outro dia, quando acordou do cochilo que conseguiu tirar depois de uma longa noite insone, o bandido viu que não tinha sido pesadelo. O fantasma de Deodato continuava ao seu lado proferindo a palestra do ponto em que havia parado.

A partir daí, o bandido nunca mais conseguiu se concentrar nos assaltos. Em todos os momentos, lá estava o fantasma de Deodato teorizando sobre política social. Quando o bandido ouvia funk, o fantasma de Deodato discursava sobre o Juízo de gosto em Kant. Quando o bandido estava num churrasco, o fantasma de Deodato lhe apontava o benefícios do veganismo. Quando o bandido passava muitas horas deitado, o fantasma lhe dava palavras de incentivo "ei! faça exercícios físicos". Já desesperado, o bandido procurou a igreja, acreditando que, recorrendo a Deus, o fantasma o deixaria em paz. Estava enganado. "Deus está morto." E o fantasma iniciava assim a palestra sobre Nietzsche e a crítica da religião que passaria a dar durante os cultos da igreja.

À beira do enlouquecimento, o bandido não conseguia mais se reconhecer. Já tinha se separado da mulher, não conseguia mais assaltar, sequestrar, sequer furtar em paz. Até que um dia subiu até o alto do morro e lá de cima meteu uma bala na própria cabeça. Seu último pensamento:
"Senhor, que eu vá pro inferno. Mas que fique longe desse fantasma."

No além, sem inferno nem céu, finalmente iguais, os fantasmas do bandido e de Deodato nunca mais se encontraram.

POESIA

MÁQUINA DO MUN-DO

Daniele Queiroz
Edson Amaro
Elisa Andrade Buzzo
Laura Torres
Matheus Guménin Barreto
Jeanne Callegari
Nicolas Casal
Paulo Ferraz
Susana Pereira
Teófilo Tostes Daniel

Daniele Queiroz

CANTIGA

Não se roga praga em virada de lua
Cantiga de vento vira assobio de coruja
E cheiro de madeira velha toma conta do corpo.
Do fim da noite ao começo da manhã,
Pode ser que eu desaprenda a escrever.
.
Pode ser que não.
.
Prendo o cabelo em taquara trançada
Cubro de pano o bordado da pele

Me enterro.
Raiz fina e profunda protege
Flor miúda amarela arrisca caçar ar
.
Ritual de vida no meio do rodamoinho
.
Na noite vazia do sertão, cuidado:
Quem não olha onde pisa desaprende a enxergar.

Edson Amaro

MADAME SATÃ

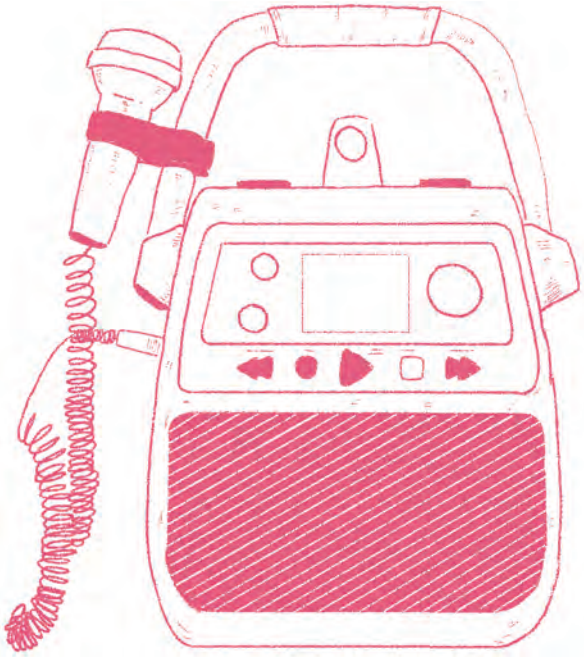
Vi Madame Satã no carnaval
Dançando sem camisa. Que deleite
O umbigo apetitoso, cor de azeite
De dendê esse corpo escultural!

Lábios rubros, bigode fino, qual
Folião que seus beijos não aceite?
Qual cavalo em que um santo bem se ajeite
Girava e se torcia em espiral.

Sambou da Lapa à Praça Tiradentes,
A pele encharcando de suor,
A saia abanando as coxas quentes...

As cinzas dessa Quarta já desfeitas
Das lembranças me restas a melhor,
Travesti que meu bloco bem deleitas...

ELISA ANDRADE BUZZO



abro a gaveta
e encontro
cadernos escolares encapados por poeira
objetos perdidos e reconhecíveis
rastros prospectados em descoberta fortuita
o cassete do meu pequeno gradiente
restos partidos de uma civilização infantil rara
dentre essas miudezas outrora tão usuais
magnéticas preservadas ao azar
qual caco poderá emergir cortante
de minha obscurecida arqueológica face

bicho das tesas patas
alertas
tentando equacionar na matemática da narina
o que é perigo o que não
alertas
os olhos alertas as
patas
alerta ele todo e aceso
queimando entre as vértebras e os músculos
o que é.

MATHEUS GUMÉNIN BARRETO

POUSO

Laura Torres

eu, eu chego com o vento, chego abrindo as janelas chego trazendo comigo pássaros, uma coleção de pássaros, sozinha de gentes sem descanso sem pouso eu

eu e os pássaros
chegamos rufando nossos pequenos corações tingidos de sangue e de calma, corações tingidos dessa cor violenta e exausta eu,

eu e os pássaros
sempre cantando nossa canção dura, impossível, feroz sem descanso eu,

eu e os pássaros
chegamos com fome, com frio e com a melhor das intenções, chegamos prontos e tanto, abrindo janelas, contando histórias, usando palavras de lugares que nunca mais

eu e os pássaros
chegamos de vez em quando azuis
e azuis nós temos mais frio, e quanto mais frio mais a nossa canção é doce quando
eu

eu e meus pássaros
de vez em quando chegamos com mais fome ou mais dor, mais dúvidas

de uma cor tanta e sem nome, uma cor desesperada, egoísta, vulgar cantando uma música feita de susto, de pressa, uma músicaabsolutamente brutal

brutal, incômoda, incômoda, atroz,
pedindo perdão e tingida
de lembranças muito ruins
daquelas que ninguém quer
que aqueles que já ouviram correm
que aqueles que já amaram cospem
disfarçam e evitam reconhecer o corpo, evitam reconhecer o pássaro
sequer as asas, as cicatrizes, a pele marcada de fogo, a carne machucada,
a carne
obscena

meus pássaros
sempre irremediavelmente bêbados e cansados,
sem limite, infelizes, disfarçando o abismo sempre, sempre e muito bem
tão bêbada quanto meus pássaros eu me canso muito mais, me perco
gosto do corpo marcado
gosto de morrer devagar várias mortes – por vezes planejo, planejo, me afogo eu

eu e meus pássaros
nós preferimos a água e os espasmos, todas as coisas que não têm jeito
nem jeito, nem conserto, nem redenção
nós amamos a água porque na água nossos pés não doem,
e nos afogamos com um abandono exemplar e eu

eu e meus pássaros
com a alma pesando o fardo
de 157 vidas irresponsáveis
354 culpas por coisas bestas
871 amores errados
nós fazemos listas e análises minuciosas que não adiantam nada, listas e análises
minuciosas unicamente para auto-recreação e deleite particular e eu

eu e meus pássaros
continuamos insistindo estupidamente em desconsiderar o fato
de que pássaros que não pousam
não tem ninguém que quer.

HUESERA

Jeanne Callegari

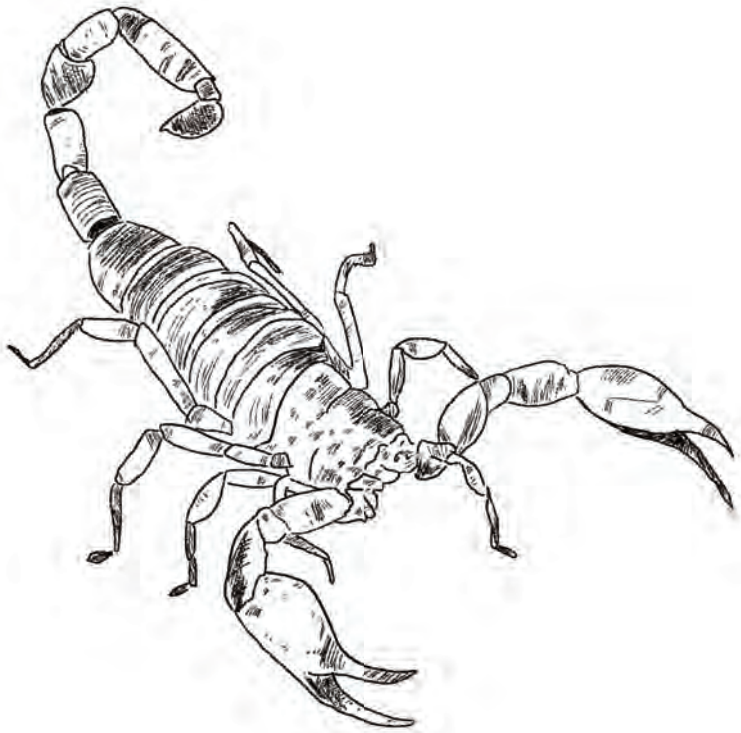
huesera, meus ossos se partiram
e não acho a canção
pra lhes soprar de novo a vida

huesera, os lobos estão mudos
e não encontro a voz
pra animar seu uivo

huesera, as crianças têm medo
e eu não tenho o verbo
pra proteger seu sono

huesera, meus pés estão cegos
e não vejo a trilha
das que me precederam

huesera – mãe esqueleto –
a que sabe – rio abaixo do rio,
dança-me de novo a vida
sopra-me o sangue
sussurra-me a carne
ouve meu grito



ARTRÓPODE

o escorpião tem oito patas
e nenhuma vontade de nos conhecer

NICOLAS CASAL

IMPROVISO Nº 1 – (SONETO)

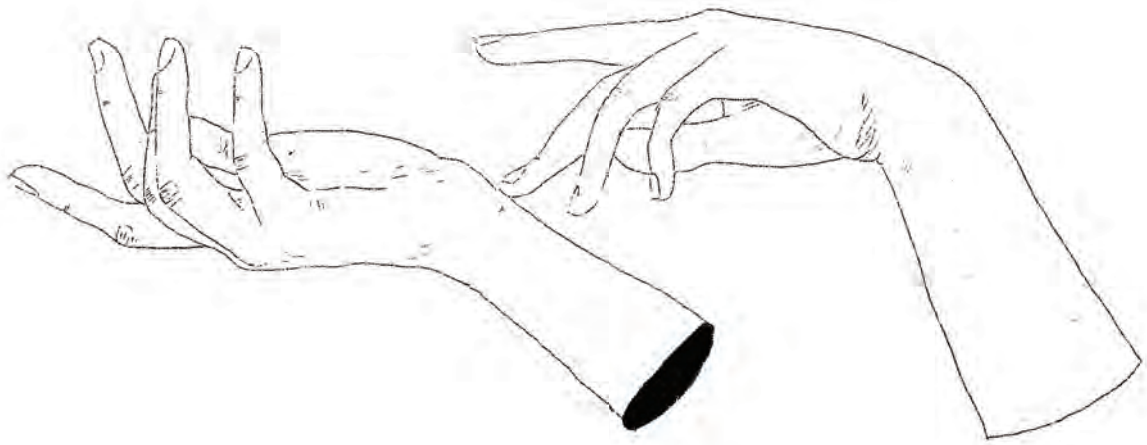
Paulo Ferraz

Onde você vê um gesto, uma mão que antes escondida nas costas agora se revela, outros tantos gestos e mãos o compõem. Nos passos em sua direção, que me aproximam de ti com a mão ainda escondida nas costas, um batalhão de pés marcharam pelo mundo do sem fim, levando outras mãos,

todas hábeis em revolver a terra para lhe dar a umidade e a consistência necessária, a única possível, aquela que permitiria que outros pés e outras mãos também viessem trazendo caixas, pisando em aceleradores, manejando ancinhos, pás, cutelos e tesouras para desse árduo artifício extrair

tão apenas beleza. Inclusive os pés e as mãos da cigana, não aquela que nas linhas de outra mão arrisca uma visão do improvável amanhã, mas esta, a que antecipa o futuro próximo pelo simples contrato de compra e venda,

mesmo os olhares cúmplices e invejoso, ela sabe que acaba de desencadeá-los, pois ela também está neste gesto: uma mão que antes escondida nas costas se revela. Todos nós trocamos estas rosas por um sorriso.



Estou sentada numa roda gigante
a brancura dos bancos funde-se à minha pele
a engrenagem lenta segue o ritmo do vento

pequenos solavancos surprendem a respiração que foge pela minha boca
criam erupções momentâneas no meu corpo
sorrio sempre que a roda retoma a sua marcha
desenhada numa harmonia tempestuosa
imprevisível

vejo o topo do mundo
e as profundezas da terra
cheiro o brilho das estrelas
saboreio a escuridão subterrânea do ser

estou sentada numa roda gigante
que nunca pára
sinto o ar gelado que me aquece
suo no inferno sedutor que me martiriza

alimento-me da perfeição invisível da viagem circular
cresco a cada retorno que me traz exactamente ao mesmo lugar
numa diferença cromática abismal
aprendo a ver sem olhos
sinto o prisma infinito que se recria perpectuamente

estou sentada numa roda gigante que prolonga os meus membros
expande os meus orgãos
liberta o meu espírito

sou uma roda gigante
e tenho em mim a permanência inabalável da eternidade

AS LIÇÕES DOS JARD

Recebo, dos jardins de minha casa,
lições sobre os silêncios desse tempo
imperscrutável. Insondável. Íntimo.
Vasculho a intimidade dessa terra
com água, fazendo evolar seus cheiros.
Ouço os marulhos úmidos do chão.
Ouço os sussurros líquidos da terra
a brincar com raízes, e moldando-as.
A agudeza de inumeráveis folhas
represa luminâncias lá do sol.
Com elas e dejetos desse solo
perfaz toda matéria de seu corpo.

Na escuridão de cova bem profunda
a raiz retrabalha seus clarões.
No dentro, a luz se torna seiva bruta.
O silêncio voraz dessa alquimia
verdeja o mundo inteiro. Cora as flores.
Forja até a doçura do que é fruto.
E nódoa a nódoa o tronco então se faz
mais lenhoso, se passa mais o tempo
e bem mais se acumulam primaveras.
Sonhados por sementes, os percursos
dos galhos, das raízes e das folhas
delineiam as vastidões dos bosques.

E é meu. E é infinito meu jardim
forjado pelos sonhos das sementes.
Cada espécime vive os próprios ciclos
além da vida una à própria espécie.
E todo ser brotante à minha volta
leciona-me os ensinos de estações:
o cansaço, o hibernal recolhimento,
as brotações e a exuberância quente;
a seminal latência e a floração.
Vejo que mesmo as plantas sobrevivem
às violências, e também se tornam
outras, já bem diversas de si mesmas.

As lições dos jardins de minha casa
são onde tempo e espaço se conjugam,
onde espera e labor se moldam, mútuos,
na história e direção de cada galho.
Nestes jardins eu flagro o ser maduro
forjando seu caráter inda verde,
indicando seu êthos ao brotar,
ganhando e dividindo o próprio chão.
Nessa terra tão íntima e fecunda,
tão limitada e imensa, brota a flora
que flagro dar-se a mim, enquanto rego,

observo, adubo, moldo, amo e narro.

INS DE MINHA CASA

Teofilo Tostes Daniel

LITERATURA E RESISTÊNCIA

POR: ANA RÜSCHE

LIVROS: *OS MELHORES COMPANHEIROS DE VIAGEM*

Aqui vai uma crônica de viagem sobre livrarias e comentários de livros companheiros entre San Francisco, Nova York, Paraty e São Paulo nesta Era Trump-Temer. Livrarias não vendem meros objetos. Guardam em suas portas as chaves de muitas outras portas. Em um tempo em que as ruas mentais são cada vez mais estreitas, refletir a respeito da importância das livrarias é pedir, uma vez mais, pelas chaves do impossível.

Texto: *Ana Rüsche* **Ilustração**: *Anna Brandão*

_PEDAGOGIA DA RESISTÊNCIA

CALIBÃ E A BRUXA

Autora: Silvia Federici
Tradução: Coletivo Sycorax
Editora Elefante, 464 páginas.

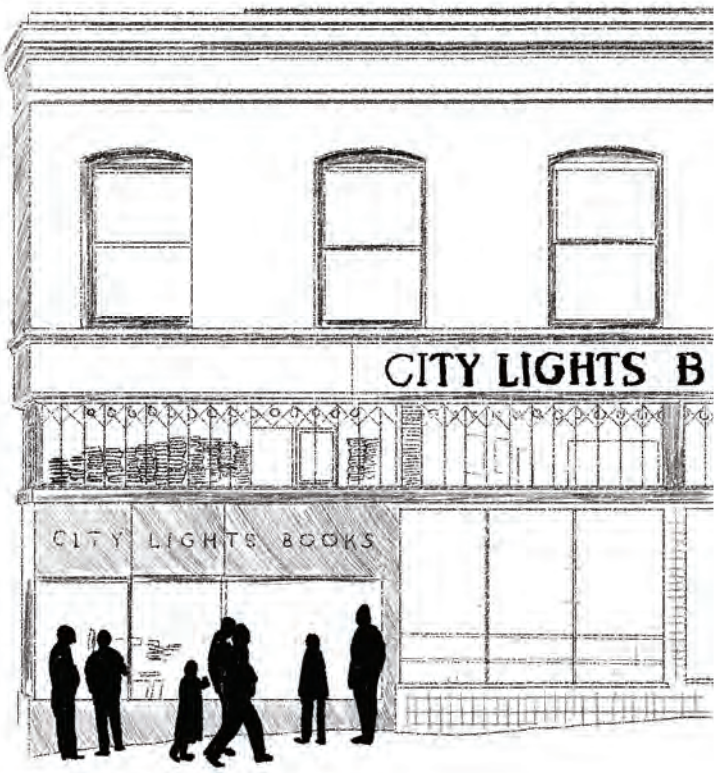
Subidas. Uma imensa subida é o que pude perceber da cidade de San Francisco, na costa oeste dos Estados Unidos. Com meus músculos que não valem nada, me perguntava pela milésima vez: como o movimento cicloativista pode crescer nesta terra de cabritos? Quando cheguei finalmente na City Lights (261 Columbus Ave), livraria *cult* fundada pelo poeta beatnik Lawrence Ferlinghetti e pelo ex-professor universitários Peter Martin, tudo que queria era um lugar para sentar.

Sentar e quase chorar. Me esparramei comovida: olha, a cadeira para poetas! Confortável, digna para se passar horas olhando as estantes, ruminando um verso, enxergando pela janela uma cena poética entre passantes. Todas as pessoas que escrevem poesia merecem uma cadeira assim. Pontuei livros e subidas de São Paulo: o Patuscada Bar e Livraria também fica numa ladeirona; a extinta Rato de Livraria, também na montanhosa Aclimação. Não sei quanto tempo fiquei ali.

Ao me recuperar, já sabia qual livro iria levar comigo. Queria o "Caliban and the Wwitch" ("Calibã e a bruxa"), da italiana Silvia Federici. A City Lights organizou, com a sanha que 2016 pedia, um setor novo na livraria, "pedagogia da resistência". Reuniram por volta de 200 títulos que enfatizam um imaginário de ideias, sucessos e fracassos revolucionários que podem iluminar possibilidades para quem vive no agora. É possível fazer download da lista no site: http://citylightspodcast.com/Pedagogies_Of_Resistance_List_July2017.pdf.

Calibã e a bruxa é maravilhoso, pois toma a história ocidental de um outro ângulo, o ângulo menos comum: e se a inquisição e a caça às bruxas tivessem tudo a ver com a acumulação primitiva do capital? E se essa lógica de restrição ao corpo e à liberdade das mulheres tivesse tudo a ver com o sistema de escravizar pessoas e as levar para as colônias recém-instaladas no "Novo Mundo"? O quê esta alteração de mirada feminista poderia nos informar? A A Federici é implacável na pesquisa e no levantamento de hipóteses vigorosas neste momento-chave da formação do capitalismo.

Já havia lido o livro em pdf. E não consegui deixar de agarrar o volume na livraria. Explico: eu tinha um laço sentimental, fiz o que pude para incentivar a publicação da obra no Brasil. Meses depois, quando eu já estava refeita das subidas de San Francisco e o exemplar comprado, descansado na estante, recebi a notícia de que finalmente o livro em português iria para o prelo. Chega em excelente hora, traduzida traduzido pelo coletivo Sycorax, cuidada cuidado pela Editora Elefante. O que posso dizer hoje: a edição brasileira é infinitamente mais bonita!



_O MUNDO ESTÁ VENDO VOCÊS

OUTUBRO: HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO RUSSA

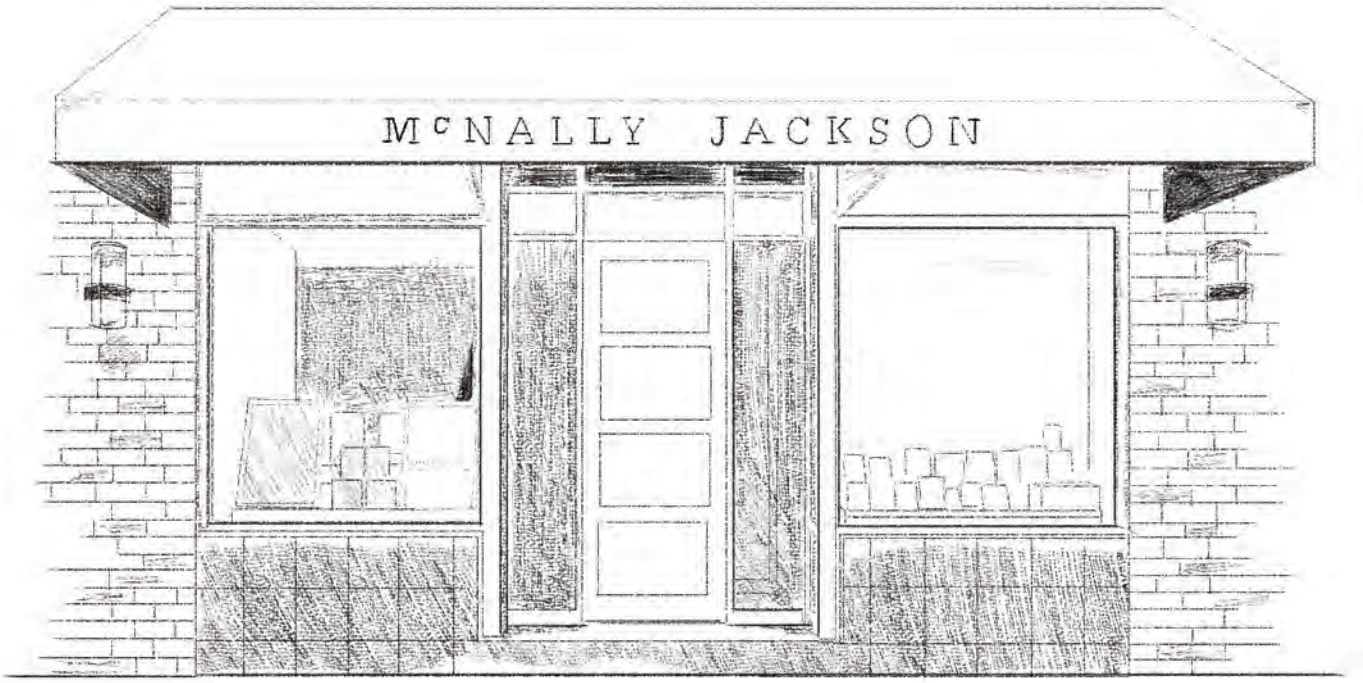
Autor: China Miéville
Editora Boitempo, previsto para segundo semestre de 2017.

Uma coisa que aprendi com a morte da Hilda Hilst: nunca desperdice a chance de conhecer alguém que você admira pessoalmente. Fui incauta, desorganizada e preguiçosa, e não conheci a Hilda em carne e osso. Quando ela faleceu, chorei copiosamente no banheiro da firma. Sem colega da advocacia para compreender quem era a ídola que eu pranteava.

A partir da dureza do aprendizado, sabendo que o China Miéville estaria na mesma cidade que eu, me organizei para ir à McNally Jackson Books, uma livraria que fica na estreita Prince Street em Manhattan, com um café clássico para marcar conversas literárias e cães na coleira que acompanham os donos. Nos projetos da livraria, me emociono com o setor de impressão de livros em pequenas tiragens, voltada a autores independentes, com o fundo de solidariedade a imigrantes, e com os frequentes eventos em espanhol. Não seria coincidência que a livraria recebesse o autor de October: the story of the Russian Revolution (Outubro: a história da Revolução Russa).

Para minha surpresa, – esperava filas e fãs –, Miéville lançou a obra para uma plateia bastante modesta. Carimbado nas fotografias como homem careca e musculoso, apresentou-se como um palestrante tranquilo ao nos contar o processo de composição de October. Com seus fonemas britânicos, narrou a exaustiva pesquisa, a ajuda generosa que recebeu e como teve que se limitar para conseguir o feito. Longe da historiografia, a tarefa do escritor foi esmiuçar o cotidiano da revolução e os acontecimentos corriqueiros para, enfim, nos contar uma vez mais uma história em que você sabe como começa e termina. A mágica que a literatura provoca é esta: apresentar por meio da forma de narrar algo que não tinha ainda vindo à tona.

Ao final do evento, como tinha pouca gente, fui pegar o autógrafo. Contei que era brasileira, que já tinha lido outros livros dele e da situação política do país. De forma grave, ele me disse, "eu sei o que se passa, o mundo está vendo vocês. Eu queria mandar toda a minha solidariedade para vocês." Ficamos um momentinho em silêncio depois, reparando no papel do livro, no marcador da página.



NA CIDADE HISTÓRICA ENTRE MONTANHAS E MARES_

HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS EM 15 CORDÉIS

Autora: Jarid Arraes
Ano de edição: 2017
Pólen Livros, 176 páginas.

Faz calor e ouço vaias na rua de pedras redondas. Passantes se equilibram como podem. Alguém grita "Fora, Pondé!". Outra pessoa repreende: "ei, nem é o Pondé nada, é a polícia apreendendo mercadoria". Acho graça na cena, mas não me mexo para aproveitar mais uns segundos de Wi-Fi na Casa da Porta Amarela antes de ir almoçar. "A 'flip da Joselia' trouxe mesmo um outro astral para Paraty", alguém comenta. É perceptível, sim. Como se a cidade histórica rodeada por montanhas e mares estivesse mais risonha.

Foi muito bom ir a Paraty, ganhar abraço de gente querida, matar a saudade de comer pastel, tomar cachaça. A melhor parte foi ver a agilidade das pequenininhas casas editoriais em envolver o público, apresentando novos autores, temas, formatos. Ali na minha perspectiva enfurnada da Casa da Porta Amarela vendendo meus exemplares do Furiosa a convite da Editora Quelônio, te juro, as pessoas saíam meio tontas. Encantadas. As ilustrações da Ale Kalko. O pôster do Noel Rosa da Edições Barbatana. A beleza do projeto gráfico dos livrinhos da Quelônio. Nem muito longe, a Rizoma, coletivo de editoras independentes, vendia o mencionado lindo Calibã e a bruxa.

A editora da Pólen Livros guardava um sorriso no rosto. Eu puxo papo e elogio, "você sabe que estão fazendo um trabalho incrível, não sabe?". Ela me diz que sim. Concordamos e rimos juntas. Dos livros que levei comigo, um deles não poderia deixar de ser o Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis da Jarid Arraes. Pedi o autógrafo da autora, depois de ganhar o abraço. É para uma amiga minha poeta, agora que minha biblioteca anda em outro hemisfério.

Heroínas negras é um livro para se ler em voz alta, desfilando as ilustrações. Conta os feitos dessas bravas mulheres de forma popular, ora engraçada, ora trágica. Sempre na cadência do cordel: uma linha, uma sequência de contas. Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Luísa Mahin. Outras que eu ainda não conheço e que a Jarid nos entrega nessa memória espoliada. O livro termina com um espaço para que você possa escrever a "história de uma mulher negra que marcou a (sua) história". Você pode compartilhar e ler outras pela hashtag #HeroínasNegras. Nem sei como agradecer. As montanhas e mares estavam mesmo mais risonhos.

_MANHÃ NO CENTRO DA MINHA CIDADE

A RESISTÊNCIA

Autor: Julián Fuks
Ano: 2015
Companhia das Letras, 144 páginas.

Estar entre uma cidade e outra te ensina a achar que todas são as tuas cidades. O pronome no sentido afetivo do termo, onde você guarda amores e memórias. Onde você guarda teus livros. Estar em São Paulo e ver com os próprios olhos os dias de Doria traz algo que não sei explicar bem. É como se estivéssemos nos anos 1990 novamente, mas estamos bem longe disso. É como se a tua cidade fosse já um pouco outra, como se você estivesse ali ainda nos anos 1990.

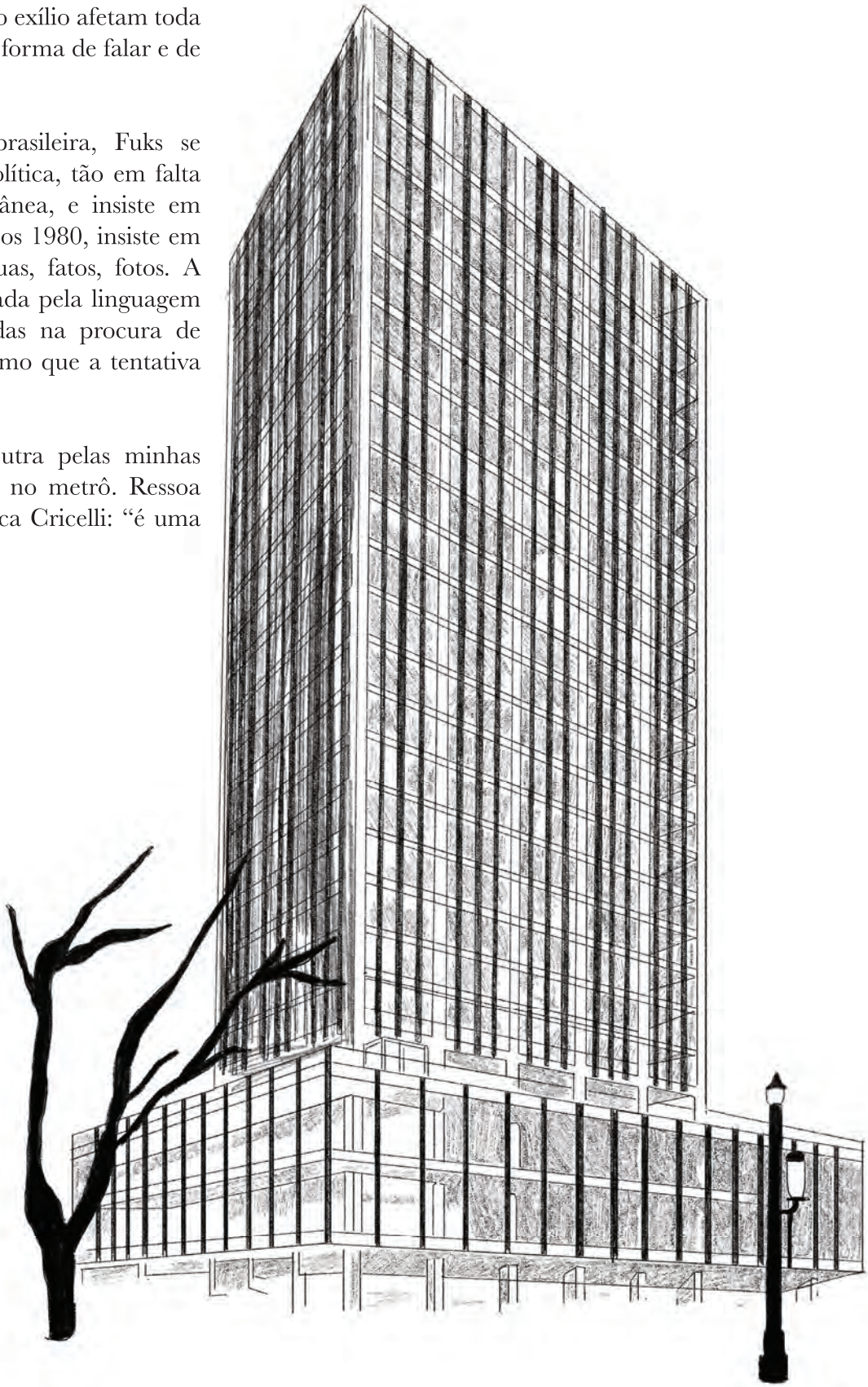
O metrô apresenta leves mudanças. Quase imperceptíveis para quem viaja no dia a dia. Por exemplo, agora tem um som de clarinete que anuncia as estações da Linha Amarela. É um barulhinho bom. Me anuncia que faz tempo que não ando de metrô aqui. Desço no Anhangabaú. Na outra cidade, fiz um poema sobre o Anhangabaú em inglês e expliquei "it means poisonous waters", sem explicar nada direito.

Chego na Tapera Taperá. O vidro da fachada da livraria permite a visão das grandes copas das árvores na Av. São Luís, 187, mesmo ali no segundo andar da Galeria Metrópole. Embora seja também uma livraria, a Tapera possui uma biblioteca circulante invejável. Ou seja, impossível sair dali sem um livro! Por lá, entrevistei o Julián Fuks pelo projeto "Conselhos para quem escreve" (inserir link do facebook), junto com a poeta Francesca Cricelli.

Queria então falar do Resistência, livro do Julián de 2015. A obra possui uma coluna vertebral política e, ao mesmo tempo, mantém o drama profundo da história entre irmãos – a primeira frase do romance é "Meu irmão é adotado, mas não posso e não quero dizer que meu irmão é adotado". De mesas de jantar e seus silêncios, o autor consegue extrair um panorama crítico da história recente da Argentina e do Brasil. A obra narra como a tortura, o desaparecimento de pessoas e o exílio afetam toda uma comunidade, a memória, a forma de falar e de se relembrar do passado.

Contrariando certa tradição brasileira, Fuks se decide pela escrita memorial política, tão em falta em nossa literatura contemporânea, e insiste em contar as velhas histórias dos anos 1980, insiste em visitar apartamentos antigos, ruas, fatos, fotos. A dramaticidade do livro é ampliada pela linguagem seca, de palavras esquadrinhadas na procura de entender as outras pessoas, mesmo que a tentativa seja falha.

Na minha cidade, que já é outra pelas minhas ausências, folheio o Resistência no metrô. Ressoa na memória o verso da Francesca Cricelli: "é uma longa estrada repatriar a alma".



Ana Rüsche é escritora. Seu último livro é “Furiosa”, edição comemorativa de poesia dos últimos dez anos. Também autora do romance “Acordados”, merecedor do ProAC, 2006. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) na área de Estudos Literários e Linguísticos em Inglês.

www.anarusche.com

CINEMA

TERRA EM-TRANSE

POR FERNANDO IDE KURATOMI

_VAZIO E SILÊNCIO

Fala Comigo

Direção: Felipe Sholl
Ano: 2016

A sequência inicial de Fala Comigo revela uma série de telefonemas misteriosos direcionados a Angela (Karine Teles), uma mulher de 43 anos. Ao ser confrontada com o silêncio do outro lado da linha, ela acreditar estar se comunicando com seu ex-marido, ainda traumatizada pela recente separação. Quem faz a ligação, na realidade, é Diogo (Tom Karabchian), de 17 anos. O rapaz se masturba ouvindo a voz das pacientes de sua mãe, psicanalista, e mantém uma espécie de catálogo particular: uma pasta onde guarda papéis contendo o número de telefone de suas interlocutoras, nos quais ejacula.

As cenas são filmadas em planos próximos, com pouca iluminação, criando uma tensão entre a proximidade da objetiva em relação aos personagens e à escuridão dos espaços que habitam, sugerindo uma atmosfera de claustrofobia. É um começo promissor, que de imediato cria a imagem de uma classe média solitária, em desacordo com seus desejos, prisioneira de si própria. Da transgressão do garoto, que cruza o limite entre a vida pessoal e profissional da mãe, surge o sexo e, consequentemente, a relação afetiva.

A transgressão é o elemento que toma o papel de força motriz da narrativa, o ponto de partida por meio do qual Sholl se propõe a examinar o conflito entre as vontades pessoais de seus personagens e as demandas do mundo exterior, surgidas através de uma sequência de julgamentos morais impostos sobre a relação entre Angela e Diogo. E aí Fala Comigo se revela uma obra incapaz de expandir as possibilidades de aprofundamento de seus temas, tão competentemente estabelecidos em seus momentos iniciais.

Progressivamente, o filme acaba por desandar em uma espécie de esquizofrenia entre sua estética e a visão de mundo enunciada. O clima de desconforto das ligações que impulsionam o romance dos protagonistas rapidamente desaparece, sendo substituído por um encantamento injustificado. Quando estão juntos, as tensões das vidas pessoais de Angela e Diogo desaparecem. Tornam-se parceiros ideais um para o outro, ao mesmo tempo em que representam uma afronta às posturas conservadoras da família e dos amigos do garoto. Sholl jamais se propõe a colocar o casal em conflito, a analisar um inevitável choque de subjetividades, e simplesmente ignora a condição psicológica fragilizada de Angela nos momentos em que ela tem a companhia de Diogo. A carga de aprisionamento se afrouxa, dando lugar a composições limpas, imaculadas, enquadramentos desprovidos de tensão.

Essa confiança cega no poder do amor romântico retira a potência de toda e qualquer crítica que Fala Comigo se proponha a fazer à ética da classe média brasileira, preferindo sempre o caminho da ilusão, da evasiva em relação ao confronto direto, à possibilidade de desnudar de fato seus personagens. O inimigo é sempre externo, não existe qualquer possibilidade de Angela e Diogo terem cristalizadas dentro de si também as hipocrisias que o filme ataca nos personagens que orbitam seu relacionamento. De maneira conveniente, o roteiro de Sholl cria indivíduos unidimensionais, que servem apenas aos seus interesses de realizar um filme simultaneamente engajado, mas hermético, satisfeito com si próprio.

Nos filmes de Ingmar Bergman, cuja carreira está repleta de dramas claustrofóbicos centrados em relações familiares, o close-up se manifesta como recurso estético que esmiúça o rosto em humano, a nossa agonia frente o vazio da existência. Fala Comigo se utiliza do mesmo instrumento para criar imagens assépticas, se aproxima de seus personagens apenas para representar uma delicadeza que esconde uma recusa em encarar os mesmo abismos que o mestre sueco enfrentou ao longo de sua obra.

O grande cinema se apropria de situações de conflito como uma oportunidade de investigar e relacionar o indivíduo com o mundo, eventualmente abrindo janelas que nos permitam colocar em xeque nossas próprias relações. Recentemente, surgiram produções cinematográficas brasileiras que se propõem a compor um retrato de nossa classe média contemporânea, na falta de um termo mais concreto. Aquarius (dir. Kléber Mendonça Filho, 2016) surgiu como a obra-totem dessa tendência, evidenciando a possibilidade da utilização de um domínio pleno dos recursos audiovisuais para nos apresentar uma realidade múltipla, estimulante, na qual a elegância do tratamento do erotismo e da nostalgia não impede uma análise arguta das forças de conservadorismo enraizadas na estrutura de nossa sociedade. É uma prova de que as limitações de Fala Comigo não se encontram na escolha de seu objeto de investigação, mas sim na impossibilidade de buscar aquilo que vai além do banal.

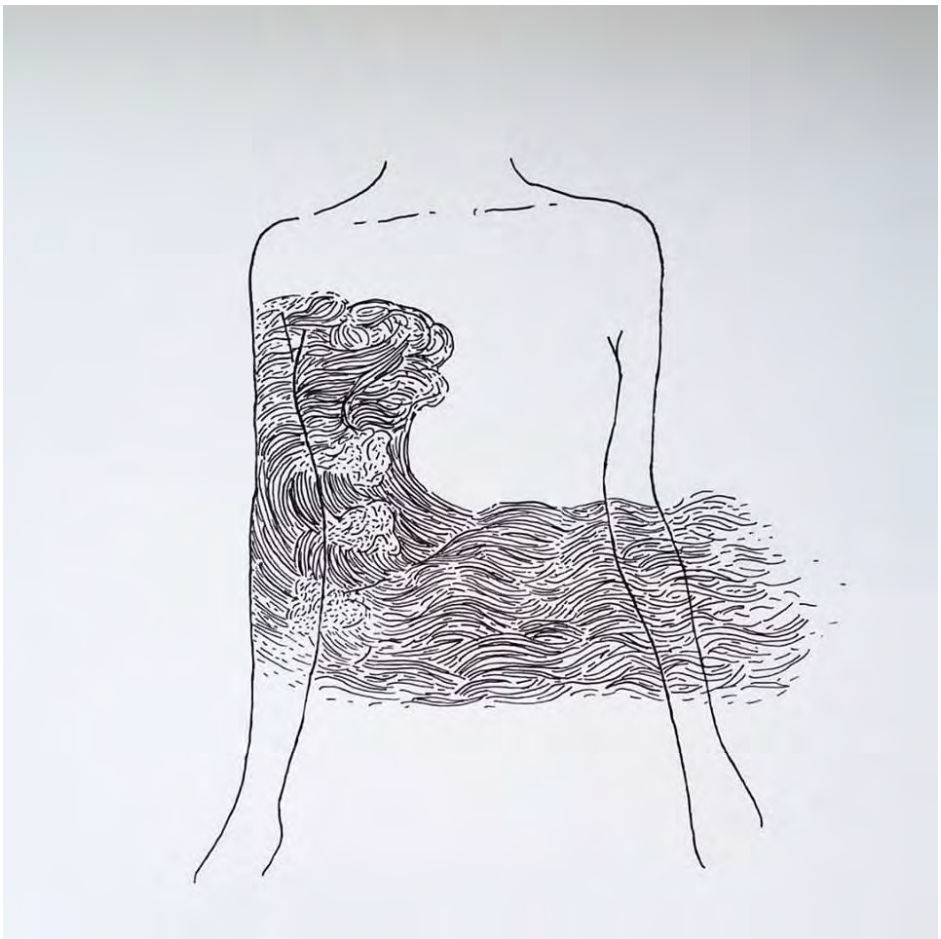
ARTES VISUAIS

BABA ANTRO-POFÁGICA

Cê Whitaker
Heitor Rodriguês
Priscilla Menezes
Susana Pereira
Tatiana Timm

Cê Whitaker
São Paulo - SP

Heitor Rodriguês
Feira de Santana - BA



Priscilla Menezes
Rio de Janeiro - RJ

Cê Whitaker
São Paulo - SP

Susana Pereira
Lisboa - Portugal

Tatiana Timm
Pelotas - RS

CRÍTICA LITERÁRIA

HERÓIS SEM NEN-HUM CARÁTER

POR SÉRGIO TAVARES

_UM ESTUDO EM RUIVO

Novo romance de Tadeu Sarmento mira na história de detetive e acerta em cheio no bom humor

Título: E se deus fosse um de nós
Autor: Tadeu Sarmento
Editora: Confraria do Vento
Ano: 2017

Talvez por pudor ou por uma vaidade besta, os novos autores brasileiros têm pouco investido no humor. Mesmo os estreantes, quando não estão recauchutando temas frequentes, parecem vestir a farda de arautos do seu tempo ou incorrer no propósito de escrever O romance da sua geração. Sorte que temos Tadeu Sarmento. Depois do premiado "Associação Robert Walser para sósias anônimos", um cômico arranjo fabular sobre a questão da identidade, o escritor recifense volta à pluralidade temática e ao revezamento de planos narrativos no hilário "E se Deus for um de nós?".

De antemão, que fique bem claro que trabalhar com gêneros (e subgêneros) em nada desabona um autor em prestígio literário. Muito pelo contrário. Sarmento entrega uma escrita fina, com claro cuidado na composição das frases e na caracterização de seus personagens, galvanizada por uma erudição em seu sentido mais perspicaz.

O enredo é dos mais mirabolantes. Yves Barnacle, uma jovem irlandesa ruiva, viaja ao Recife com a ideia de perder a virgindade e contradizer uma profecia feita por seu pai, o controverso poeta Finan MacDowell, que versificou que a filha iria liderar o IRA na vitória sobre a coroa inglesa. Trabalhando numa sorveteira do centro antigo da cidade, ela é alvo de atração do narrador da trama, um supervisor de telemarketing, e seu amigo Dúbio Gomes, um gay enrustido, misógino, homofóbico e fã do ABBA.

Numa trama correlacionada, o investigador Gonçalo Magela, leitor inveterado de Raymond Chandler, persegue um serial killer de ruivas virgens, cujo desdobrar dos fatos leva a uma seita de virgens sodomitas, ao tráfico internacional de escravas sexuais e a um ex-torturador do regime militar brasileiro que se esconde sob a máscara de barbeiro. As incursões temáticas ainda guiam suas setas pela cultura pop e por entrechos histórico-ficcionais sobre o nazismo, o cristianismo e o induísmo.

O mais incrível é que, a despeito do repertório multifário e alucinante, a contextura nunca se afrouxa ou se perde em patinações, mesmo quando o autor salta do cômico para o policialesco, do drama para um flerte com a ficção científica. É como se tudo fosse amarrado com fios tesos, que deixam entrever apenas os nós que conectam as partes.

Outros acertos são a irreverência e a piada sem concessão. Desde a escolha dos nomes dos personagens ao nonsense que emerge de inúmeras circunstâncias, Sarmento tempera o texto com tiradas sardônicas e um tipo de disparate que surge do narrador e condiciona-se ao contexto. Ao falar de seu trabalho, por exemplo, retrata uma empresa de Call Center em que são contratados tartamudos e portadores com síndrome de Tourette para evitar que os clientes suspendam suas contas. A desconfiança da homossexualidade do amigo rende observações engraçadíssimas, assim como são afiados os diálogos entre esses personagens.

À parte o humor, o livro também seduz em sua porção dedicada à história clássica de detetive. A investigação, que avança pelo terreno da ficção a que pertence, valendo-se dos cacoetes do gênero, também interage com a realidade, emprestando, do que existe fora de seus limites, passagens factuais e um elenco de tipos que irão sinalizar o universo frequentado pelo autor e suas influências, sendo a principal delas a obra do escritor Roberto Bolaño.

As obsessões, a estrutura multifacetada e os interesses temáticos perseguidos pelo chileno aparecem no romance de maneira explícita e implícita, na forma de easter eggs. Sem precisar ir tão a fundo, basta dar uma lida na sinopse da obra-prima "2666", que fica evidente o jogo de emulação. Contudo, está longe de ser um cópia gratuita, e sim a suspeita de que tudo não passa de um jeito de tripudiar com o leitor (e com os críticos), num jogo de inteligência muito maior.

Num tempo em que a sociedade se mostra cada vez mais careta, extremista, um tribunal aberto de qualquer coisa, precisamos de mais livros como esse do Tadeu Sarmento. Para seu próprio bem, a literatura contemporânea brasileira precisa arrancar mais gargalhadas.

BIBLIO-TECA DE BABEL

Em um ensaio de 1889, dois anos depois de sair da cadeia e um ano antes de publicar O retrato de Dorian Gray, Oscar Wilde escreveu que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida. Para Wilde, tudo o que se encontrava no mundo não existia até a que a arte inventou. A neblina de Londres ("fog"), por exemplo, só se tornou um fenômeno maravilhoso depois que poetas e pintores imaginaram a beleza de seus efeitos. Não fosse por isso, a neblina seria tão só… neblina. É como se a arte antecipasse a própria humanidade ou, dito de outro modo, é como se a construção de significados – a própria linguagem e seus meandros simbólicos – pelo homem se desse mediatamente através da arte.

A literatura, enquanto arte, também é imitada pela vida. Harold Bloom é enfático ao afirmar e reafirmar, ainda hoje, que Shakespeare é o inventor do humano. Para o crítico, sua originalidade e seu verdadeiro "milagre" artístico não estariam na representação da cognição ou da personalidade, mas sim em sua genuína "criação": Hamlet, Lear, Macbeth, Cleópatra e outros tantos são exemplos extraordinários de novos modos de consciência. Modos de consciência, adicione-se, que vemos diante de nós a todo momento – seja na ficção, seja na política, seja na fila do pão, seja sob o fog londrino.

Jorge Luis Borges, na tradição continental, talvez seja o grande representante da ideia de que a literatura antecipa a vida e as experiências. O portenho dizia que chegava às coisas depois de tê-las lido, e não por menos dizia orgulhar-se antes das obras que tinha lido do que de sua própria produção literária – tal era sua radical compreensão da escrita enquanto um episódio posterior e secundário à leitura, o que se refletiu de maneira memorável em toda sua obra.

Reunindo essas leituras, a **Lavoura** criou uma nova seção, titulada "Biblioteca de Babel". Neste espaço, a força e a influência a literatura serão vistas sob uma perspectiva diferente. A cada edição, convidaremos uma personalidade do meio artístico, intelectual ou acadêmico para falar um pouco sobre as obras e os autores mais marcantes em sua trajetória – suas obras "fundamentais", por assim dizer.

O estreante é o professor Fernando Haddad, cuja contribuição não poderia melhor harmonizar: um de seus autores favoritos é Jorge Luis Borges, e alguma dúvida sobre qual seu conto preferido?

Oscar Wilde parece de fato correto: a vida imita a arte.

_AS OBRAS FUNDAMENTAIS DE FERNANDO HADDAD

Depoimento concedido a André Balbo

Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis

É dos tempos de colegial meu primeiro contato com um autor que me marcou tanto, a ponto de até hoje eu relê-lo. Estou falando de Machado de Assis, mas particularmente do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, que, para mim, é seu melhor. Reli Memórias póstumas recentemente com minha filha, nas férias de janeiro. Um livro desnorteante, até mesmo pela época em que foi escrito. Notável como alguém teve, digamos, a ousadia de apresentar um livro naquele formato. A maior memória que tenho desse texto é o espanto do primeiro parágrafo ("Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte…"). Foi tão significativo, que eu duvidei que o autor pudesse sustentar aquela altitude até o final do livro, e não parei de ler esperando um momento de declínio que não aconteceu. Fui tomado por uma certa perplexidade com a ironia fina, do título ao último parágrafo, e o que ela significava.

O processo, de Franz Kafka

No caso particular desse livro, meu sentimento é curioso. Por muitas vezes, eu tinha vontade de rir durante a leitura de um texto que é absolutamente tenso. Depois eu vim a saber que o próprio Kafka ria quando fazia a leitura do seu livro em voz alta. E eu entendi perfeitamente o motivo disso: de fato, ele conseguia descrever de forma angustiante situações tão incrédulas que, muitas vezes, resvalava para o cômico, embora o aperto no peito fosse uma decorrência natural da leitura. Na minha visão, existe uma ambiguidade entre o sufocante e o cômico que perpassa várias passagens do texto, o que não era comum em outros leitores com quem eu conversava, que só viam n'O processo tensão e tragédia. Para mim, Kafka é um autor cuja atualidade se faz notar até hoje, embora, na minha concepção, já tenhamos vivido tempos mais kafkianos no passado, como prenúncio do que o século XX nos reservava. Acho que o período stalinista e o período dos governos autoritários na Europa – Espanha, Itália e Alemanha – eram mais kafkianos.

Ficções,
de Jorge Luis Borges

Borges é um dos meus escritores prediletos. Sou aficionado pelos contos, particularmente. É uma literatura bem diferente daquela de García Márquez, de tal modo que não sei se é possível classificá-lo como um autor latino-americano, como se costuma fazer, porque talvez ele seja muito mais um autor universal. Me fascina sua erudição, sua capacidade de mobilizar saberes atemporais para retratar situações modernas – Borges podia citar de Spinoza até um filósofo grego para falar de uma angústia contemporânea. Lembro de ler "A Biblioteca de Babel" em voz alta para o meu filho, em Brasília, porque fiquei alucinado com esse conto em particular, e precisava mostrar aquilo de qualquer jeito. Tenho bastante coisa do Borges em casa, porque todos sabem que gosto e acabam dando de presente.

A revolução dos bichos,
de George Orwell

Embora pudesse citar 1984, gostei e ainda gosto mais de A revolução dos bichos. Na época em que o li pela primeira vez, eu cursava o mestrado, e já era um crítico do sistema soviético. Nesse sentido, o livro me cativou de pronto, em função da representação do comportamento falacioso de uma parte daqueles que anunciavam um mundo novo, mas de fato estavam em buscam de vantagens bastante palpáveis, por assim dizer.

Cem anos de solidão, de Gabriel García Márquez

Um tremendo livro. Aquele círculo, aquela espiral de repetição… uma história que não sai do lugar, embora esteja permanentemente se mexendo, como se fosse um mal que infinitamente se repete, no nome dos personagens, nos eventos trágicos. Eu acredito que o fenômeno latino-americano foi maravilhosamente representado nesse livro.

Budapeste e Leite derramado, de Chico Buarque

Pensando em autores contemporâneos, os últimos livros que li com mais interesse foram esses dois do Chico. E cito esses porque, na minha visão, Budapeste tem algo de Borges, e Leite derramado tem um quê de García Márquez e de Machado de Assis. As referências talvez sejam um pouco remotas, mas de alguma forma eu as notei, o que fez com que eu me apegasse bastante a esses dois livros.

PROSA DE FÔLEGO

RÚ-TILO NADA

JOËLLE-MARIE DECLERCQ

_PORNÔ SOLIDÃO

Elas sempre parecem que estão pedindo. Os olhinhos apertados e a boca aberta deixando à mostra uma fileira de dentes e uma parte da língua avermelhada. Sei que a boca aberta é um jeito de parecer que elas me querem, mas só consigo pensar em como isso faz com que elas pareçam retardadas. Se bem que talvez elas sejam mesmo.

Observo uma série de garotas coradas de aspecto saudável vestindo roupas que não passam de péssimas tentativas de emular um uniforme escolar. O tecido tem um feitio tão barato quanto elas, tipo uma fantasia que você compra na 25 de Março. Quase nenhuma parece ter ainda entrado na faca. São novas no meio, provavelmente. Devem ter um ano de carreira, no máximo. Muitas delas capricham no sorriso largo e jovial, um convite feliz pro sexo solitário.

As que se utilizam da boca aberta costumam ser veteranas. O corpo é o padrão. Tatuagens gastas pelo sol, quase sempre localizadas na região da virilha ou acima da bunda e ainda há as marcas de intervenções cirúrgicas denunciando o corpo viciado pelo trabalho. Quando a cara não é de retardada, é de cansaço. Homens comuns preferem sempre as novatas, eu prefiro as veteranas, com suas expressões abobalhadas, olhos cansados e semblante triste.

Quer fuder com mulheres perto de você? Uma loira com cara de sueca e peitos inchados de silicone me faz o convite impessoal, totalmente nua. Ela também parece estar pedindo. A palavra "fuder" está destacada e pisca ininterruptamente. Bocejo. Quase três da manhã.

Pago caro pelo pacote de internet. É o maior plano oferecido e ainda faço questão de dar um adicionalzinho pra ter liberdade de baixar muitos arquivos ao mesmo tempo. Pra subir, melhor, uso um seedbox — mando os torrents pra a nuvem e as pessoas baixam de lá mesmo depois de receberem a senha. Eficiência: tenho um catálogo enorme com a melhor seleção do mundo. Muito homem deve me achar um herói. Sou um herói mesmo.

Meu olhar agora repousa numa morena bonita inserindo um consolo gigantesco no ânus. Ela está com a boca aberta, formando perfeitamente a letra "O". Se não fosse pelo imenso dildo no rabo dela, também falaria que está com uma expressão de retardada. As pregas do ânus são avermelhadas e começando a sair pra fora por causa do tamanho e grossura do consolo. Prolapso anal. Gaping ass. Etc. Pornografia gosta de excessos. Garotas feias próximas de você, pisca uma frase mal escrita abaixo da foto da morena e seu cu aberto. Uma propaganda qualquer. Esse tipo de spam que pisca indecentemente em qualquer site pornográfico é quase uma HPV da internet. Você pega de bobo, achando que aquilo não tem nada de prejudicial, mas quando você menos espera, tá doente. Por isso que minha máquina tem uma segurança digna de NSA.

Três e meia da manhã. Abro a janela do quarto pra espantar o cheiro de cigarro e do meu corpo suado que não vê um chuveiro há dois dias. Problemas de quem trabalha em casa. Está na hora de buscar alguma coisa na geladeira. Abandono meu posto por alguns minutos.

Minha casa quase não tem móveis. No divórcio, minha ex-mulher só poupou a cama, a geladeira e uma mesa que deixou na cozinha pra fazer refeições. Comprei um fogão e máquina de lavar a prazo nas Casas Bahia, e assim termina o inventário dos meus bens duráveis. A geladeira segue o padrão. Só tem água, comida que pedi fora quase estragando e molhos de salada.

Meu computador já é outra história.

Gastei muito dinheiro e tempo pra montar o que eu chamo de o escritório mais sofisticado do Brasil. São dois monitores de 29 polegadas, mouse e teclado ergonômicos com design arrojado de uma marca nórdica. Devo dizer que gastei ainda mais dinheiro no HD de 8 teras e velocidade comparável a de um jatinho de primeira linha. Um brinco.

Minha ex-mulher não ousava tocar nessa merda. Nem da mesa do computador ela chegava perto. Posso dizer que deixei de ter filhos pra conseguir montar esse escritório. Ajuda no trabalho de programação que faço pra diversas empresas de tecnologia e portais de notícias, e também na minha

reputação de ser o maior colecionador online de pornografia. Jornada dupla.

Os dois monitores, na verdade, servem pra isso. O da esquerda é só pra trabalho remunerado com as empresas sérias e o da direita fica 24 horas por dia ligado pra baixar ou comprar filmes de produtoras do mundo inteiro. Vejo, no mínimo, uns cinco por dia. Nos dias bons, me dedico mais e assisto a até dez filmes. Os que são fracos jogo em uma pasta sem seleção e os que chamam a atenção positivamente vão pra nuvem, todos catalogados com cuidado por produtora, nomes dos atores, ano, país e categoria. Ah as categorias! Elas são um prazer à parte, porque infinitas. Humilhação verbal, suruba, suruba com a mulher amarrada, gay, travesti, ass to ass, hardcore, BBW, destroyed, tiny girls, rimming, amadoras, revenge porn, girl next door, MILF, massage creep, creampie, inter-racial, BDSM, bondage, bukakke, golden shower, japonês, colegiais, caseiros, sex tapes de celebridades. Até agora são mais de 500 e cada dia arranjo mais uma pra ajudar na catalogação.

Acho que forneço facilmente material de punheta pra mais de 150 caras. Eles confiam em mim, me procuram pra pedir sugestões e contribuem mensalmente pra receber uma lista dos melhores da semana. Tem gente do Brasil até a puta que pariu do mundo. Cobro pouco pelo serviço, pensando bem. 30 dólares por mês pra receber minha seleção. Fico quase 24 horas por dia online pra atender meus clientes. Minha ex-mulher achava isso um absurdo. Óbvio, era uma infeliz.

Sim, claro, evidente que ela odiava pornografia. Você só se importa com essa merda, ela reclamava. Não estava exagerando, admito. Só que ela era uma mulher sem graça. Reclamava da minha pornografia, mas no fundo só se importava em decorar a bosta da casa e comprar carro novo todo ano. O trampo dela era um qualquer de contabilidade. Não chegava nem perto do que ganho como programador e com meu segundo trabalho de curador pornográfico.

Foram seis anos de casamento com pouco sexo e muitas reclamações. Eu amava ela quando casei? Sim. Por pouco tempo. Desisti da minha mulher quando descobri que tenho um talento nato e um olho afiado pra saber o que é bom e o que é lixo no mercado pornográfico. Com isso, passei o resto dos anos de casado pedindo comida pra jantar na

frente do computador e escutando reclamação no meu ouvido. Você não gosta de mim, ela dizia. Verdade. Depois que finalmente foi embora, continuou a mesma coisa. Ela saiu de casa levando meus móveis, o pouco sexo que fazia comigo e as reclamações. Os pedidos de comida continuam firmes e fortes pra me alimentar na frente das duas telas. Nem louça tenho.

Minha ex-mulher (Rosana é o nome dela) trepava com o chefe, mas eu cagava pra isso. Ela achava que isso iria me afetar. Só que nunca amei essa mulher direito. Digo, amei por dois anos de relacionamento, até que ela me disse que meu tempo na frente do computador era a raiz dos nossos problemas. Uma vaca ingrata.

Rosana tinha mania de querer brigar comigo toda vez que voltava do trabalho. Eu, na frente do meu computador, me resignava em falar que estava ganhando dinheiro pra nós dois. Rosana gritava que nem louca. Chegava em casa toda esporrada, meio descabelada, e me xingava de tarado. Nem gastava meu tempo discutindo com ela. Trabalho em primeiro lugar.

A gota d'água pra Rosana foi quando descobriu que eu era mesmo conhecido na internet porque colecionava vídeos pornográficos. Dois colegas dela, inclusive o chefe com quem trepava, foram meus clientes. Eles sacaram porque comentei numa festa da empresa dela. Eles adoraram a informação. Por isso, fazia questão de indicar pelo menos um vídeo de uma atriz que é muito parecida com a Rosana. Uma prática bem típica de trollzinho tristinho de Reddit chamada doppelbanger. Era meu tipo de vingança.

Rosana descobriu quando um deles deu com a língua nos dentes. Não aguentaram a semelhança tão próxima entre ela e a atriz pornô de um vídeo de gangbang, e mostraram pra imbecil da minha mulher. Depois do trabalho, ela me chega com um martelo de amaciar bife e olhos esbugalhados. Parecia um cachorro vira-lata. Ameaçou arrebentar meu computador e os HDs externos. Chegou até falar que ia me matar.

Duvidei de Rosana porque ela é inútil. Nem cozinhar sabia direito. Só que ela não estava pra brincadeira e martelou meu mouse caríssimo. Custou quase uma semana de curadoria essa bosta, que raiva. A segunda martelada estava indo na direção do monitor que uso pra pornografia, mas a impedi. Desta vez pensei em matá-la e emparedar o corpo no apartamento. Meio Edgar Allan Poe. Só não tenho o gato preto.

Não bati na Rosana, mas a catei pelo pescoço até o quarto onde fiz ela juntar todas as suas tralhas em menos de cinco minutos e a mandei pro olho da rua.

Evidente que ela se vingou. Separação, advogado, oficial de justiça. Aceitei tudo que pediu com a condição de não tocar no apartamento, que está no meu nome, e que tinha antes de ela aparecer, e no meu escritório. Quando o caminhão de mudança apareceu em casa, só avisei: pode levar tudo.

Rosana moveu quase um continente inteiro pra se vitimizar. Agora nem minha família quer saber de mim. Não que me importasse. Meus amigos também evitam falar comigo porque temem que Rosana bata na porta deles com um martelo de amaciar bife. O chefe dela, no entanto, continua sendo meu cliente.

Ruim mesmo foi ficar sem sexo. Não gosto de puta ao vivo, só gosto de puta na tela do meu computador. Rosana gostava de transar pouco, mas transava. Uma vez a cada dois meses a gente fazia isso. Parecia hora marcada. Ela era maluca mesmo. E eu gostava de maltratar durante o sexo. Ela ficava assustada, mas sei que gostava porque gemia que nem uma vaca.

Tinha vezes que eu gostava de foder com a cabeça dela. Colocava ela bem na frente dos meus monitores que deixava exibindo algum filme pornográfico. Nessas horas, ela gozava alto e me xingava de escroto. Depois que chorava, era a minha vez de gozar mirando na cara e no cabelo dela. Ela detestava. Eram bons tempos e boas lembranças de Rosana com a cara toda esporrada e puta da vida comigo.

Um usuário russo me chama por e-mail. Com um inglês sofrível me pergunta se tenho uma boa seleção de filmes de humilhação extrema. O problema é que o russo não curte produtora grande, o que significa que ele gosta de filme amador e que não preza muito pela segurança da atriz. Eu sei que o russo quer isso porque eu mesmo sou fã desse tipo de coisa.

Não sou de indicar meus filmes favoritos porque eles são quase mais importantes que meu computador. Eles também são um pouco errados eticamente, já que a produtora explora um pouco as atrizes, mas são meus xodós. Quase obras de arte. Tive que entrar em contato com três países diferentes que faziam esse tipo de filme. Não são películas ilegais, mas, de certa forma, são bastante mal vistas pela indústria porque os produtores não falam previamente pra atriz o que ela vai ter que fazer na frente das câmeras pra receber o cachê.

A minha série favorita não existe mais. Era de uma produtora norte-americana feita por três caras malucos do meio-oeste. Todos são ricos por causa da família e visivelmente fora da casinha. Eles adoravam acabar com menininhas loucas por dinheiro que topam enfiar um pau na boca. Sumiram do mapa quando uma das atrizes denunciou a brincadeirinha deles pra mídia.

Chama Tiny Girls a série dos caras. São 10 filmes de 30 minutos cada que seguem o mesmo tipo de roteiro. O mais importante é que a mulher escolhida deve parecer adolescente, ser bem pequena e estar começando na carreira. Eles odeiam mulheres famosas, já que são mais ligeiras na hora de assinar contrato.

Hesito em passar essa série pro russo como indicação. Ela é muito boa e muito bem feita, quase ninguém conhece porque ela era vendida por um preço relativamente elevado. As cenas pirateadas e subidas nos sites de streaming gratuitos também são raras de se encontrar. Os caras tinham uma grana boa pra derrubar esse tipo de coisa, chegando a um ponto que se você procurar a série no Google, vai encontrar só sites desativados. As atrizes convidadas também ficavam com tanto medo dos atores e produtores que participavam da série que evitam a mencionar que passaram por lá até hoje.

Aliás, vou rever algum filme da série. O russo vai receber uns três arquivos de uns filmes tailandeses de humilhação. Deve bastar, são bons também. Não há título e nem créditos finais nos episódios da Tiny Girls. Começa só com a atriz entrando numa sala sóbria preenchida com uma mesa e dois sofás de couro vagabundo.

A atriz do episódio que dou play é bonita, muito magrinha e pequena. Minha favorita. A bunda, no entanto, é perfeita e grande. Mal deve ter completado 18 anos. Bem tiny girl mesmo. Assim como as outras, provavelmente recebeu a promessa dum cachê de três mil dólares pra atuar em um filme pornô de uma hora. Ela é a única cuja face está exposta. O ator principal tem seu rosto borrado digitalmente e só conseguimos identificar sua voz e sua péssima escolha de tatuar uma carpa no braço direito.

Começa com uma entrevista calma. Nome, idade, cidade natal e por que ela quis fazer pornô. Muitas mentem falando que sempre quiseram trepar pra um filme. Uma mentira, na maior parte das vezes, já que é o dinheiro que fala mais alto. O ator começa a chegar perto da atriz pra acariciar sua face entre uma pergunta e outra. Ele pergunta coisas maçantes, como a primeira vez dela e o que não gosta de fazer durante o sexo. Ela começa a sorrir e responde que não gosta de apanhar ou ser xingada. Às vezes aparece alguma falando que gosta de tudo.

Ela está usando uma saia azul que quase não tampa suas coxas, blusinha branca deixando os mamilos pequenos aparecendo através do tecido e um cabelo castanho claro que vai até a altura dos ombros. Os olhos são grandes e verdes e os lábios são finos. O charme fica por conta do dentinho da frente torto que aparece em cada sorriso seu. Pelo jeito e sotaque, acredito que seja do sul dos Estados Unidos.

A Princesa do Sul se sente segura com o homem que a entrevista. Ele toca em suas coxas desnudas e beija sua orelha. Diz que ela é linda e será muito famosa no meio. Só precisa ter prática na frente das câmeras e ele é o homem certo pra ajudar.

Ela sorri de novo. Se sente segura e acha que não será tão ruim assim seguir carreira na indústria de filmes adultos. O ator sabe disso, sabe que ela está começando a confiar mais nele. E assim, muda o tom.

Ele se levanta do sofá de couro sintético e pede pra que ela se levante também. Num gesto irritante, gira a Princesa do Sul pra a câmera captar cada detalhe do seu corpo. A câmera é apenas uma que fica o tempo todo parada, captando toda a sala.

O ator começa a tocar no corpo dela e ordena que ela tire a roupa inteira. O tom de voz do ator está cada vez mais elevado e hostil. Assim que a última peça de roupa é retirada, ele ordena que a Princesa

do Sul espere onde está e caminha calmamente pra abrir a porta.

Dois homens entram no local. Um está com uma máscara da cara do Coringa do Heath Ledger e o outro está com uma balaclava. Ambos são fortes, bronzeados e livres de carpas duvidosas.

O sorriso da atriz desaparece. Com certeza não mencionaram que ela transaria com mais de uma pessoa. Os homens são claramente instruídos previamente pra tecer comentários maldosos sobre o corpo miúdo da aspirante. Ela parece uma franga assustada, um deles reclama.

O peito dela é caído também, diz o ator principal.

Onde você achou essa? Num abrigo de mendigos?

É o tipo de menina que deve se vender por 20 dólares e uma pedra de crack.

Nessa vamos ter que usar camisinha porque deve ser só doença.

Os três homens não olham pra atriz, preocupada com o que está prestes a acontecer.

Considero esse momento um dos melhores do filme. Ele se repete nos outros volumes da série também. Um tipo de reação feminina que deveria ser estudada com mais afinco. O medo repentino e a face de horror da mulher que descobre que está prestes a ter seu corpo violado. Um tipo de coisa que não é qualquer um que consegue registrar. A partir do momento que os homens entram na sala na intenção de fazer maldade, a atriz começa a se arrepender rapidinho de ter topado o filme. O corpo dela encolhe, os olhos crescem assustados e a boca fica fechada o tempo todo. Os lábios finos dela quase somem, parece que grudaram boca dela com cola.

Abro o zíper da calça.

A câmera fecha bem no rosto desesperado da atriz. Os olhos verdes estão atentos e lubrificados. Ela está pálida e quase dá pra ouvir o seu coração acelerado tentando sair do corpo. Ela sabe que não pode fugir porque assinou contrato, mas sua cabecinha de vento está a mil por hora tentando descobrir quando ela poderá se livrar daquilo.

Os três homens param de criticar o corpo da atriz e se aproximam mais. Eles começam a acariciá-la ostensivamente. O ator principal ameaça que se ela não fizer dupla penetração anal não receberá o cachê completo. A minha Princesa do Sul olha assustada pra câmera colocada num canto da sala. Provavelmente dando um sinal pra pararem as gravações sem precisar emitir sons. O cachê fala mais alto, como sempre. O Coringa manda que a atriz se ajoelhe no piso frio da sala, agarra seus cabelos do topo da cabeça e força a sua cara contra o pau que já marca a calça jeans de lavagem clara. Essa deve aguentar até três paus na boca, comenta o homem de balaclava, assistindo ao ato. Todos riem. Os olhos da menina começam a se encher de lágrimas, mas o homem não dá trégua e aperta a face da menina ainda mais contra sua virilha.

Começo a acariciar meu pau semiflácido.

Os homens dizem mais uma vez que irão comê-la duplamente no cu e afirmam que seu novo nome é "depósito de porra". O ator principal agarra os dois seios pequenos da atriz violentamente por trás e a afasta da virilha do outro homem. Nisso, ela solta um pequeno gritinho de susto.

Vou bater punheta.

O ator principal leva a garota até uma mesa de escritório que está completamente vazia. Pede aos dois homens que chegaram depois que se sentem no sofá pra aguardar a vez deles. Obedientes, ambos se arranjam casualmente no sofá como se esperassem alguém chamá-los pra uma consulta médica.

O corpo nu e pequeno da atriz é colocado de costas na mesa de escritório. O ator principal analisa a cena por alguns poucos segundos pra pensar por onde irá começar. Nisso, a garota está se cagando de medo. Ela nem consegue esconder mais. É glorioso. Uma nova pergunta é feita à atriz.

Seus pais sabem que você está fazendo pornô?

Sim, responde ela.

Ah, então você já contou que é uma puta barata?

Silêncio.

O ator ameaça enviar um vídeo dessa cena pros pais, amigos e pessoas da cidade da Princesa do Sul. Ele explica que gosta de fazer isso com as atrizes pra que elas recebam uma surra em público. Ou que nunca mais consigam andar nas ruas de sua cidade. Ou conseguirem um emprego.

É, Depósito de porra. Sinto em dizer que a gente não vai te pagar. Você é muito ruim pra isso.

Os dois homens continuam sentados no sofá, rindo como se estivessem rindo de qualquer piada sem graça. A atriz tenta olhar pra eles tentando descobrir se a dupla penetração realmente acontecerá. Ela pede baixinho ao ator principal (que está torcendo os mamilos rosados dela) pra ir ao ban-

heiro. Quer parar a cena sem falar explicitamente na frente das câmeras. Sabe que será uma derrota.

Você não vai pra lugar nenhum, retruca o ator principal.

Levanto da minha cadeira ergonômica e muito confortável pra fazer o que preciso fazer.

O ator começa a mordiscar o bico dos seios. Uma falha na cena, já que a face dele é pixelada digitalmente. Não dá pra ver se ele está mordendo forte o suficiente. Ela geme de dor e fecha os olhos tentando fazer aquilo passar mais rápido. Com uma habilidade ninja, o ator já consegue tirar a calça sem parar de morder os seios. O pênis dele está duro, enorme e pingando.

Meu celular apita umas 10 vezes seguidas. Provavelmente é o russo enchendo o saco ou outro cliente qualquer. Agora não é hora de atender.

Já em cima da garota, o ator começa enfia o pau na boceta depilada. Ela encolhe o corpo tentando impedi-lo. Ele é três vezes maior e consegue controlar qualquer ameaça de movimento colocando a mão em volta do pescoço da menina.

Agora ele está montando em cima dela a todo vapor. Destruição total. A maquiagem carregada começa a borrar de suor e lágrimas e faz com que a Princesa do Sul pareça um palhaço frustrado. É uma cena gloriosa, linda e triste.

O ator principal acena pros dois homens do sofá. Eles já estão nus e eretos, prontos pra entrar na brincadeira. A Princesa do Sul não sabe se tenta uma folga pra respirar ou pede pra que os dois extras não entrem na cena.

Toda a copulação dura quase menos que toda essa parte de grooming e de humilhação psicológica. Tudo é feito em apenas uma posição sexual e a garota mal se move durante o ato. Os dois homens extras começam a esfregar o pau na cara da atriz, sempre rindo muito. O ator principal continua comendo violentamente a atriz, xingando, rindo também e suando bicas em cima do torso nu da garota. Taí um cara mais sádico do que eu.

Puta, xinga o homem de balaclava.

Vadia, acompanha o ator principal.

E se a gente matar o depósito? Alguém sentirá falta? O Coringa indaga.

Agora não tem mais jeito. Ela começa a chorar copiosamente. A câmera não consegue captar com detalhes o exato momento que ela perde a compostura. Uma grande falha, mas perdoável. A face da Princesa do Sul está roxa e os olhos vermelhos e trincados. O ator principal, habilidoso, solta um pouco o aperto do pescoço da atriz pra que ela não morra.

Os dois outros batem punheta com a mão direita (nenhum canhoto) e arranham os braços e a barriga da garota com a esquerda. Marcas começam a brotar na pele branca da garotinha.

Sei essa parte de cor. Vi essa cena muitas e muitas vezes. Fecho os olhos e me imagino no lugar do ator principal. Só que não dou folga pra respiração dela que nem o ator. Continuo segurando o pescoço, sentindo sua pulsação latejando na palma da minha mão. Imagino Rosana no lugar dela, me batendo desesperadamente pra que pare de asfixiá-la.

Rosana, sua puta, você acabou com minha vida, Rosana. Aperto mais seu pescoço e os dois homens soltam gargalhadas fortíssimas.

Rosana começa a perder o viço. Seu corpo se contorce inteiro em busca de ar. Mas eu não sou bonzinho que nem o chefe dela. Eu sou um escroto, um tarado. Eu sou um assassino.

Começo a acelerar o ritmo da minha punheta. Parece que vou explodir.

No meu monitor, o rosto desfigurado de dor da atriz está em destaque. O ator principal continua comendo ela e os outros estão dando tapas na cara da garota. Tudo ao mesmo tempo.

Imagino Rosana implorando por misericórdia. Na sala, além de mim, Rosana e os dois atores mascarados, estão todas as mulheres que transei e namorei durante minha vida. Não são muitas, mas elas esperam sua vez, nuas e felizes. Só preciso me livrar da Rosana primeiro. Todas estão prontas pro abate. Vou matar todas e escondê-las no armário ou nas paredes do meu apartamento. A Rosana eu vou esquartejar e armazenar as peças no meu congelador pra comer durante o ano inteiro. Jamais precisarei pedir comida ou sair pro supermercado. Vou usar os fios de seu cabelo como fio dental, seus ossos como talheres e seus olhos vou chupar que nem uma bala.

Olho pra tela e vejo que os três homens estão perto de gozar. Eles ejaculam exatamente no minuto 22:17 do vídeo. Sei de cor, como falei antes.

Rosana ainda está deitada na mesa me pedindo pra não morrer. Tarde demais, Rosana. Você vai morrer sim. Vou matar você, todas as mulheres que estão aguardando sua vez e depois vou matar seu chefe. Meto meu pau até o útero dela. Ela nunca mais vai engravidar depois dessa. Rosana já não me bate mais e nem relincha. Ela me olha profundamente com os olhos vermelhos. Está esperando a morte.

Você não deveria ter me deixado, Rosana. Foi seu erro, seu atestado de morte, Rosana.

Já penso o que vou usar pra esquartejar essa mulher. Tenho muitos sacos de lixo na área de serviço. Uma serra grande que comprei três anos atrás. Vai dar certo.

Com os olhos fechados, escuto o grunhindo do ator principal. Os outros dois acompanham o gozo com gemidos e xingamentos. A atriz do filme nem reclama mais. Só pensa no dinheiro. Puta, meretriz. Assim como Rosana, que está morrendo na minha mão.

Meu gozo vem. Jatos quentes e fortes batem na palma da minha mão esquerda que uso em forma de concha pra não fazer muita sujeira no escritório. Esse foi forte, foi bom.

Rosana está com os olhos esbugalhados e morta. E a sala está vazia. As mulheres e atores sumiram e o monitor mostra a última cena da atriz, de olhar vazio, recebendo o pagamento em dinheiro vivo misturado com a porra dos três atores.

Com o pau pra fora e a mão cheia de porra, vou até o banheiro. Lavo tudo na pia e seco com a toalhinha de mão que Rosana esqueceu no divórcio. Ela foi bordada pela avó dela, que faleceu alguns anos atrás. Virou minha toalhinha da punheta. Ainda estou ofegante e suado com a gozada. Foi muito boa mesmo.

Sento na cadeira caríssima que Rosana não ousou tocar no dia da mudança e acendo um cigarro. Quatro e cinquenta da manhã.

Preciso responder o russo.